

# CIGANOS CALON NO MUNICÍPIO DE SOUSA/PB (1993 - 2011)

Frans Moonen

1. Apresentação. 2. População cigana de Sousa. 3. O direito à cidadania. 4. Economia. 5. Educação. 6. Os ranchos 7. A imagem dos ciganos em Sousa. 8. Os Calon de Sousa e o Governo. 9. Considerações finais.

## 1. Apresentação.<sup>1</sup>

Em 1992 o Procurador da República na Paraíba, Luciano Mariz Maia, a pedido do senador Antônio Mariz, instaurou um inquerito civil sobre violações aos direitos e interesses dos ciganos Calon sedentários na cidade de Sousa, no sertão da Paraíba. Como na época estava colaborando com o procurador na defesa dos índios Potiguara, em Baía da Traição/PB, ele me pediu, e aceitei, realizar uma pesquisa entre os Calon de Sousa. Apesar de então absolutamente nada saber sobre ciganos.

As informações a seguir baseiam-se em pesquisa de campo realizada nos dias 15 a 28 de janeiro, 24 a 26 de março e 14 a 18 de abril de 1993. Ao redigir a primeira versão deste ensaio em 1993 tinha, portanto, dedicado somente três semanas à pesquisa de campo, tempo insuficiente para qualquer pesquisa séria. Não foi possível realizar uma tradicional pesquisa antropológica, com uma permanência prolongada no campo.

Primeiro, por falta de recursos financeiros. Ao contrário do que alguns ciganos sousenses acreditam, nem eu nem Luciano Mariz Maia lucrámos um centavo sequer às custas dos ciganos. Antes pelo contrário. Gastamos uma pequena fortuna, porque a pesquisa foi financiada exclusivamente com recursos próprios, meus e de Luciano Mariz Maia.

Nem nos autopromovemos às custas dos ciganos sousenses, nem obtivemos um maior status acadêmico. A pesquisa não visava a obtenção de um título acadêmico (de mestre ou doutor) e quando novamente visitei os Calon sousenses em 2000, já estava aposentado. As posteriores promoções do procurador Luciano Mariz Maia não foram devidas a seus estudos ciganos.

Segundo, porque não foi possível ser liberado, em tempo integral, das minhas atividades didáticas na UFPB durante pelo menos um período letivo. Tive de conciliar as atividades de pesquisa com as atividades docentes na UFPB, em João Pessoa, a 430 km de distância, o que me obrigou a realizar a pesquisa apenas em breves períodos de recesso escolar.

Diante disto, no ensaio a seguir ainda existem imensas lacunas, enormes espaços vazios a serem preenchidos. Estou, portanto, consciente das inúmeras falhas deste ensaio, mas espero que sirva pelo menos para estimular outros antropólogos a retomar a pesquisa, completar os dados que faltam e corrigir meus erros. Espero, ainda, que tenha também alguma utilidade prática para amenizar pelo menos um pouco os inúmeros problemas da sofrida, maltratada e discriminada comunidade cigana de Sousa.

---

<sup>1</sup>. Versões anteriores deste ensaio foram publicadas em: 1993 - *Ciganos Calon no sertão da Paraíba, Brasil*, João Pessoa: PR/PB; 1994 - *Ciganos Calon no sertão da Paraíba, Brasil*, Cadernos de Ciências Sociais 32, João Pessoa: MCS/UFPB. No site <http://dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/index.html>, da Enciclopédia Digital Direitos Humanos, de Natal, foram divulgados: 2000 - *Ciganos Calon na Paraíba, Brasil (1993)*; 2008 - *Ciganos Calon no sertão da Paraíba: 1993 e 2000*; 2011 - *Ciganos Calon no sertão da Paraíba: 1993–2011*, além de outros ensaios. Veja também em [www.amsk.org.br](http://www.amsk.org.br).

Somente em 2000, novamente a convite do procurador Luciano Mariz Maia, voltei a Sousa para, junto com ele, assistir a uma homenagem a ser prestada, na Câmara Municipal, aos ilustres e honrados cidadãos ciganos sousenses. Homenagem esta declaradamente sem qualquer conotação política, embora, por mera coincidência, poucas semanas antes das eleições municipais daquele ano.

Nesta visita, de apenas um dia, fui apresentado a duas senhoras da Pastoral dos Nômades sousense que tinham realizado trabalhos nos ranchos ciganos, infelizmente com resultados pouco satisfatórios. Esta Pastoral apareceu em Sousa somente após 1994, devido aos contatos do procurador Luciano Mariz Maia com a Pastoral dos Nômades do Brasil. Depois disto, dois padres e um bispo desta Pastoral visitaram Sousa. Conforme boletins divulgados pela Pastoral, missas foram rezadas, crianças foram batizadas e casamentos foram realizados. *Deo Gratias!* Mas infelizmente nenhum padre sousense tornou-se pró-cigano, ou membro da Pastoral dos Nômades.

Em 2000 voltei ainda duas vezes, permanecendo em Sousa respectivamente quatro e três dias apenas. Por motivos diversos, também então foi impossível uma permanência mais prolongada em Sousa, pelo que, na última visita, contratei dois jovens ciganos para fazer um Censo 2000, com perguntas sobre os problemas de cidadania, educacionais, econômicos e de saúde, embora dois anos antes, de maneira mais ou menos improvisada, um censo semelhante já tivesse sido feito pela Pastoral dos Nômades (daqui em diante "Censo 1998").

O Censo 2000 foi um fracasso porque os recenseadores ciganos, pagos antecipadamente, não sei por quais motivos, conseguiram dados sobre apenas 25 famílias, sendo 17 no rancho do chefe Vicente e 8 no rancho do chefe Eládio. No rancho do chefe Pedro Maia, nem sequer pisaram. Apesar disto, tentarei analisar os poucos dados obtidos nestes apenas 25 questionários. Também serão citados dados do Censo 1998, realizado pelos membros sousenses da Pastoral dos Nômades. Os dados de 1998 e 2000 serão acrescentados separadamente, no texto do ensaio original de 1993.

## **2. População cigana de Sousa.**

### **1993**

Na Paraíba, a maior concentração de ciganos é encontrada em Sousa, no interior do Estado, no sertão do Alto Piranhas, a 430 km da capital João Pessoa. Na periferia da cidade de Sousa, cerca de 450 ciganos habitam em três "ranchos" no Jardim Sorrilândia, na altura do Km 463 da BR-230, a 3 km do centro de Sousa. Os ranchos A e B são vizinhos, situados logo atrás da Escola Agrotécnica Federal de Sousa e da Escola Estadual de 1º Grau Celso Mariz; o rancho C fica a cerca de um quilômetro de distância, junto ao Parque de Exposição de Animais. No meio existem algumas casas isoladas habitadas por ciganos e várias casas de não-ciganos pobres. O número total de habitações ciganas está em torno de 70, na maioria modestas casas de taipa e umas oito casas de alvenaria (algumas ainda em construção). Ao lado de várias casas existem ainda "latadas" apenas com um teto de palha e sem paredes, que não são usadas para morar, mas apenas para cozinhar ou exercer atividades diversas.

Os ciganos de Sousa pertencem ao grupo Calon, ou seja, são descendentes de ciganos portugueses que, em séculos passados, foram deportados ou migraram voluntariamente para o Brasil. Os sobrenomes mais comuns são Pereira, Fereira, Lopes, Costa, Carvalho, Torquato, Figueiredo e Alves, prova mais do que suficiente de sua origem portuguesa. Uma origem que, por sinal, eles próprios desconhecem.

Ao chegar em Sousa, em janeiro de 1993, fui informado, ainda, da existência de cerca de dez famílias ciganas no distrito de Marizópolis (15 km de distância). Visitei este rancho cigano

somente uma única vez em 2000. Parece que vivem em condições ainda piores do que os ciganos de Sousa.

Os ciganos de Sousa afirmam que existem ciganos espalhados por todo o interior da Paraíba, mas sempre se trata de grupos menores. A segunda maior concentração parece ser em Patos onde vivem cerca de cem ciganos, segundo informação do chefe destes ciganos (policia civil), quando em visita aos familiares de Sousa.

Antes de iniciar a pesquisa de campo, dois chefes ciganos calcularam a população cigana da cidade de Sousa em cerca de 800 pessoas. Na realidade, em janeiro de 1993 o número de ciganos era de 445 pessoas, sendo 224 homens e 221 mulheres. Estes números confirmam dados extra-oficiais fornecidos pelo diretor do IBGE local, segundo o qual, no censo de 1991, o número de ciganos arranchados em Sousa era de 417 pessoas, sendo 216 homens e 201 mulheres.

O meu próprio recenseamento foi realizado no período de 15 a 28 de janeiro de 1993. Devido ao pouco tempo disponível para a pesquisa de campo, este recenseamento foi realizado, logo nos primeiros dias, por dois assistentes ciganos. Mas apesar de eles serem membros da própria comunidade, e um deles inclusive filho de um dos chefes, mesmo assim a terça parte da população se recusou a fornecer os dados solicitados sobre nome, idade, local de nascimento, instrução etc. de si próprios e dos filhos. Várias pessoas deram, propositalmente, nomes e idades falsas. Outras não mencionaram todas as pessoas residentes na casa.

Nas duas semanas seguintes, quando as pessoas já estavam mais acostumadas à minha presença, conferi pessoalmente os dados iniciais dos assistentes ciganos e completei, na medida do possível, os dados que estavam faltando, visitando para isto praticamente todas as casas ou, quando fechadas, entrevistando os vizinhos. Obviamente a desconfiança inicial contra este "recenseamento" não deve ter desaparecido por completo. Quase todos queriam, com toda razão, saber "p'ra que serve isto?". E a resposta de que era para conhecer os problemas da comunidade, e outras respostas mais ou menos vagas, não devem ter convencido todo mundo. Diante disto admito uma margem de erro de no máximo 10%, sendo possível, portanto, que a população real, incluindo as pessoas esquecidas ou propositalmente omitidas, seja de 445 a no máximo 500 pessoas.

POPULAÇÃO CIGANA DE SOUSA – 1993

Idade	Homens	Mulheres	Total
75 - ++	3	4	7
70 – 74	6	4	10
65 – 69	5	4	9
60 – 64	6	6	12
55 – 59	5	4	9
50 – 54	5	6	11
45 – 49	10	4	14
40 – 44	7	13	20
35 – 39	14	13	27
30 – 34	13	18	31
25 – 29	21	15	36
20 – 24	18	21	39
15 – 19	27	30	57
10 – 14	39	26	65
5 - 9	31	27	58
0 - 4	14	26	40
TOTAL	224	221	445

O resultado do recenseamento, que acusou a presença de apenas 445 ciganos, não agradou a um dos chefes que insistia que eram 800, porque muitos estariam viajando, estariam fora, para

ganhar algum dinheiro e que dentro de algumas semanas ou talvez meses voltariam para Sousa. No entanto, até meados de abril, não observei a volta de famílias ciganas de suas viagens. A irritação deste chefe cigano tem sua razão de ser porque quanto mais ciganos, mais *eleitores*, mais votos e, segundo acreditam errôneamente, mais apoio dos políticos locais. Não faltou quem confundisse o censo com uma pesquisa sobre o número de eleitores: "Doutor, pode escrever que na minha casa tem oito eleitores".

Observa-se que nas faixas etárias de 10 até 75 anos, a pirâmide populacional apresenta uma configuração que pode ser considerada normal, mas que abaixo disto inicia um declínio, mais acentuado no lado masculino. Não disponho de dados sobre a mortalidade infantil. Mas veremos a seguir que o processo de sedentarização iniciou em 1982, ou seja há dez anos. Uma das consequências disto aparentemente tem sido uma drástica redução no número de nascimentos, ou um aumento do índice de mortalidade infantil, ou ambas as coisas. Várias pessoas informaram que "antigamente" (antes de 1982) quando ainda "viajavam", ninguém tinha doenças, as mulheres pariam e pouco depois já estavam andando de novo, e não faltava comida. Hoje (após 1982) está tudo diferente, muitas pessoas estão doentes, a mulher grávida precisa de médico, de hospital, e todo mundo passa fome.

Perguntando sobre a diminuição do número de filhos, vários ciganos responderam que era por causa da pobreza e da miséria em que vivem hoje, pelo que não é mais possível sustentar tantos filhos como antes, quando eram nômades, e mais ricos. Mas houve também quem acusasse médicos de uma maternidade local de esterilizar mulheres ciganas. Pelo menos umas dez mulheres já fizeram cesariana, e parte destas mulheres teve as trompas ligadas. Em pelo menos três casos, a laqueadura foi feita sem conhecimento e sem consentimento do casal, apresentando os médicos depois uma mistura de justificativas médicas e sociais (do tipo: "a senhora poderia morrer se tivesse outro filho" e "a senhora não tem condições de criar mais outros filhos"). Outra cigana esterilizada, no entanto, elogiou a atitude dos médicos e confirmou que, pelo menos no seu caso, a laqueadura realmente tinha sido necessária por motivos médicos e que tinha concordado antes. Não informou se o marido também concordou.

O problema é que, como pude observar em outras ocasiões, os ciganos sousenses, salvo raríssimas exceções, e mesmo assim apenas quando provocados, não costumam denunciar nem criticar pessoas das quais dependem para obter benefícios ou favores (por exemplo políticos, médicos, procuradores da República ou antropólogos), ou que eventualmente possam prejudicá-los (por exemplo certas autoridades policiais), mesmo quando estas pessoas agem ilegalmente. A eventual esterilização involuntária de mulheres ciganas sousenses talvez merecesse uma investigação mais detalhada por pessoas competentes da área médica.

Um problema adicional, na realização do censo, foi a dificuldade de localizar as pessoas, devido ao grande número de pessoas com nomes idênticos. Antigamente os ciganos não tinham assistência médica porque viajavam; hoje, sedentarizados, não têm assistência médica porque são ciganos, e como tais discriminados. Abandonados pelos terrestres vivos, nada mais natural do que então apelar para a ajuda divina e dos santos e beatos, vivos ou mortos, para assegurar um parto sem problemas. Assim sendo, era - e ainda é - comum fazer promessas principalmente a São Francisco das Chagas (Canindé), a Padre Cícero (Juazeiro do Norte) e a Frei Damião do Bozzano (hoje com mais de 90 anos de idade). O pagamento da promessa consiste em dar o nome do "santo" protetor ao recém nascido. Dos 224 homens recenseados, 47 foram batizados com o nome de Francisco, 34 se chamam Cícero e 14 receberam o nome Damião. Entre as 221 mulheres existem nada menos do que 33 Franciscas e 14 Cíceras. Ou seja, numa população de 445 pessoas, há nada menos do que 80 chamadas Francisco ou Francisca e 48 Cíceros e Cíceras!

Diante disto, salvo algumas poucas exceções, todos têm um apelido que em nada lembra o nome de batismo ou o nome que consta no registro de nascimento. Vários autores brasileiros e

estrangeiros fazem referência ao fato de os ciganos terem dois nomes diferentes, um para uso dentro da comunidade cigana (o apelido) e outro para uso na sociedade nacional (o nome de batismo). O sobrenome aparentemente não tem muita importância e muitas pessoas nem sequer o mencionaram.

### 1998/2000

Segundo o Censo de 1993, viviam então 445 ciganos nos três ranchos de Sousa. Destes, 163 tinham menos de 15 anos de idade. Já então alertei para o fato que sempre menos filhos estavam nascendo desde a chegada dos ciganos em Sousa, no início da década de 80. Somente em 2000 descobri que em 1993 uma família com 5 pessoas não tinha sido recenseada, e a população em 1993 seria então de 450 pessoas. Modificando um pouco a apresentação dos dados do Censo 1993, já com a correção, teríamos o seguinte quadro:

	Homens	Mulheres	Crianças	Total
Total	141	143	166	450

Segundo o Censo 1998 da Pastoral dos Nômades, que desconhecia meus dados de 1993, viviam nos três ranchos sousenses:

Rancho	Homens	Mulheres	Crianças	Total
Vicente	46	35	40	121
Eládio	39	41	53	133
Pedro	58	64	74	196
Total	143	140	167	450

Nestes dois quadros foram usados conceitos talvez pouco científicos, mas “homens” e “mulheres” significa pessoas com 15 ou mais anos de idade; as “crianças” tem de 0 a 14 anos de idade. Mas não é isto que interessa.

Comparando os “totais” destes dois quadros, observa-se que de 1993 a 1998 a população ficou exatamente igual. O que não deixa de ser preocupante, porque significa que no período de 1993 a 1998, os ciganos de Sousa não conseguiram qualquer aumento populacional, como seria de esperar, principalmente entre ciganos.

Em 1993 muitas vezes vivia mais de uma família numa casa e era comum filhos casados morarem na casa paterna. Hoje, após a construção de uma centena de casas de alvenaria pelo governo estadual, assunto a ser tratado mais adiante, praticamente cada casa é ocupada por uma família nuclear, ou seja, o casal e seus filhos. E não tendo TV, ou mesmo tendo TV, seria de esperar um aumento significativo do número de filhos. Mas o que não aconteceu.

Segundo o Censo 1998 existiriam nos três ranchos de Sousa 153 habitações, mais do que o dobro de 1993, com um total de 167 crianças, ou seja uma média de 1,1 criança por domicílio. E a média de habitantes por domicílio seria 2,9, menor do que a média do Nordeste que, conforme o Censo IBGE 2000, é 4,15. Ou seja, os índices do Censo 1998 são baixos e não dão muitas esperanças para um futuro crescimento populacional.

Em 2000 mostrei a um cigano uma inédita relação nominal dos ciganos sousenses em 1993. Para surpresa minha, logo juntou uma dúzia de curiosos que imediatamente começaram a fazer comentários. Assim fiquei sabendo que desde 1993 faleceram pelo menos 19 pessoas, e 64 casaram, mas 21 (22?) já estão separadas.

Não deixa de ser preocupante o fato de que pelo menos um terço dos casamentos realizados entre 1993 e 2000 já foi desfeito. Quase sempre trata-se de casais jovens. As mulheres costumam voltar para a casa paterna, sempre levando também seus filhos. O homem fica com a casa, principalmente após a construção, pelo governo estadual, de mais de uma centena de casas de alvenaria. Aliás, obter gratuitamente uma destas minúsculas casinhas (cerca de 25

metros quadrados) deve ter sido o principal motivo de muitos casamentos então realizados, porque era a única esperança (e possibilidade) de conseguir uma. Entre 1993 e 1998, o número de “casas”, ou “habitações”, aumentou, assunto a ser tratado mais adiante, mas a população ficou exatamente igual. E tudo indica que tanto os homens quanto as mulheres, após a separação, dificilmente casam novamente, pelo menos não a curto prazo. Em nenhum dos casos citados recebi a informação que a pessoa casou novamente após a separação.

Dos 25 casais citados no Censo 2000, apenas 2 são casados “no civil e no religioso”, e 10 são casados apenas “no religioso”. Sobre dois casais faltam informações, e os outros 11 vivem apenas juntos, sem casamento civil ou religioso, mas nos ranchos são considerados “casados”. Casar, tanto no civil ou no religioso, custa caro.

Os casamentos religiosos, em sua quase totalidade, certamente são obra da Pastoral dos Nômades pós-1994, que em suas publicações afirma ter realizado, gratuitamente, um verdadeiro festival de casamentos entre os ciganos sousenses. Mas aparentemente nem todos os casais quiseram participar, ou então já está na hora de a Pastoral realizar um novo festival casamenteiro nos ranchos ciganos. Digo gratuitamente, porque nas paróquias de Sousa os ciganos teriam que pagar caro para realizar um casamento religioso. Isto é, admitindo-se a hipótese do pároco aceitar realizar um casamento de ciganos numa igreja local. Algo pouco provável.

Não posso ainda apresentar qualquer explicação para o baixo índice de casamentos civis, mas desconfio que seja, pelo menos em parte, por causa da falta de recursos financeiros. Casar “no civil” custa caro. O Censo 1998 nada informa sobre este assunto, e nem eu perguntei nada no Censo 2000.

Nas 25 casas recenseadas em 2000 vivem, junto com seus pais, 7 pessoas “descasadas” (separadas). Em 6 casos trata-se de filhas que voltaram para a casa paterna, junto com seus filhos; uma delas voltou com 3 filhos. Apenas um “descasado” voltou a morar com os pais, mas sem levar os filhos. A palavra “divórcio” parece ser desconhecida entre os ciganos sousenses. Custa muito caro!

### **3. O direito a cidadania.**

**1993**

Em 1993 o pequeno questionário usado para o recenseamento não indagava sobre certidões de nascimento e outros documentos. A questão surgiu quando, durante o recenseamento, alguém pediu minha colaboração para registrar seus filhos. A partir de então passei a perguntar também sobre os registros dos filhos. Constatei que pelo menos 72 menores não têm certidão de nascimento. Na realidade este número é bem maior, já que não investiguei o assunto desde o início, em todas as casas. Sem certidão de nascimento, não há acesso às escolas ou aos hospitais públicos.

Em julho de 1992 estive em Sousa o "Programa Cidadania", do Governo do Estado, que em toda a Paraíba prometia documentar devidamente a população de baixa renda, fornecendo gratuitamente certidões de nascimento e carteiras de identidade e profissionais. Desconheço os métodos de trabalho adotados pela equipe do Programa Cidadania, mas aparentemente foram distribuídas fichas numeradas (as em meu poder tem os números 1605 a 1607). Porém, estas fichas foram distribuídas (por políticos locais?) como se fosse um favor e apenas um cigano obteve três fichas para fazer o registro de seus filhos, e mesmo assim nada conseguiu, porque o juiz se negou a autorizar os registros. O que deveria ser um direito de todos, inclusive garantido por Lei, virou um favor para alguns poucos.

Diante disto procurei o cartório de registro, cujo proprietário informou que "mesmo se o juiz mandasse, não faria mais nenhum registro de graça". O Forum local estava em recesso, mas a minha entrevista com o juiz de plantão deixou claro que a "Justiça" local cria tantos obstáculos e faz tantas exigências que na prática se torna impossível um cigano pobre registrar seus filhos. As exigências, segundo o juiz, são: (a) preencher corretamente uma petição de registro, que deve ser assinada por duas testemunhas, cujas firmas devem ser reconhecidas em cartório; (b) as duas testemunhas devem comparecer perante sua excelência, o juiz, para interrogatório sobre a veracidade dos dados declarados; (c) a seguir, o requerente deve obter certidões negativas de todos os cartórios da comarca que atestam que o registrando não está já registrado naquele cartório com outro nome (sic!). Realmente algo inacreditável!

Satisfeitas estas exigências absurdas, o juiz autoriza o registro. O juiz não respondeu à minha pergunta se estas exigências eram só para os ciganos, ou se valiam também para a população sousense não-cigana.

Em outra entrevista, o juiz informou autorizar apenas dois registros gratuitos por mês, e isto num município que hoje deve ter quase 100 mil habitantes, a maioria dos quais pobres e miseráveis. Parece-me que não cabe a um ignorante e preconceituoso juiz de Sousa fixar ridículas cotas mensais de registros gratuitos ou inventar exigências absurdas, principalmente quando se trata de ciganos. Cabe-lhe apenas cumprir, e fazer cumprir, a Lei e esta claramente diz que todos os brasileiros, pobres ou ricos, ciganos ou não-ciganos, têm o direito de registrar gratuitamente o nascimento dos seus filhos. A Lei vale para todos os brasileiros, em qualquer lugar, em qualquer dia, e não apenas em dois dias por mês. Algo que o "juiz" de Sousa parece ignorar. Quantos outros municípios não devem ter outros tantos "juizes" ignorantes e idiotas?

Por causa disto, a maioria dos menores e adolescentes ciganos continua sem registro de nascimento, e sem direito a escola, a hospital e a outros benefícios sociais. Na realidade, em Sousa cigano só se torna cidadão brasileiro ao alcançar a maioridade, e mesmo assim ainda tem que esperar até a próxima eleição e pedir a algum político o favor de providenciar a documentação necessária para obter seu título de eleitor. E então a única exigência é o voto! Para melhorar a situação dos paraibanos ciganos, a primeira exigência será garantir o seu direito à cidadania brasileira, desde o dia de nascimento.

#### **1998/2000**

Segundo o Censo 1998, 41% das crianças até 14 anos não possuíam certidão de nascimento. Ou seja, a maioria (59%) das crianças possui este documento. O Censo 2000 não permite apresentar números sobre este assunto, porque os dados são incompletos ou confusos.

Em cada visita a Sousa, muitos ciganos pedem para providenciar o registro de si mesmo ou de seus filhos. E de fato, ainda hoje muitas crianças não possuem registro de nascimento. A culpa sempre é atribuída ao cartório, ou então a uma juíza supostamente preconceituosa que se recusa a conceder qualquer registro solicitado fora do prazo legal. A realidade pode ser outra. A culpa também pode ser dos próprios pais ciganos que não se interessam em registrar seus filhos logo após o nascimento. Pelo menos em Sousa, quase todos nascem numa maternidade, portanto com hora e dia de nascimento devidamente documentadas, e que menciona os nomes dos pais. E o registro civil, pelo menos em teoria, hoje é gratuito para qualquer brasileiro reconhecidamente pobre, cigano ou não (Lei nº 8.935/1994, Art.45 e Lei nº 9.534/1997).

Não tive tempo e oportunidade de ouvir a versão do cartório e da juíza, mas dois professores universitários sousenses informaram, entre outras coisas, que o cartório de registro civil distribui diariamente um determinado número (15) de fichas para registro gratuito. Segundo estes informantes, o problema é apenas que os ciganos, mesmo chegando no meio ou no final do expediente, exigem ser atendidos logo, querem "furar a fila", e não aceitam receber a ficha nº 15 e ficar algumas horas esperando até serem atendidos, ou uma ficha para o dia seguinte ou

para três ou dez dias depois. E seria apenas por esta sua atitude, e não por causa de uma suposta discriminação anticigana, que não seriam atendidos. Conforme um informante (professor universitário), os ciganos são atendidos como qualquer outro cidadão sousense: "entre na fila e aguarde sua vez". E o mesmo aconteceria nos hospitais locais, para atendimento pelo SUS. Apenas uma permanência e pesquisa mais prolongada em Sousa possibilitaria ouvir e comparar objetivamente, e com calma, as duas versões, a dos ciganos e a dos não-ciganos.

Das 66 pessoas maiores de 18 anos, citadas nominalmente no Censo 2000, 30 homens e 31 mulheres possuem título eleitoral, ou seja, a quase totalidade. O que significa que também têm certidão de nascimento e carteira de identidade. Em época de eleições, tudo é possível, inclusive um cigano facilmente conseguir estes documentos. Para surpresa minha, 32 destas 66 pessoas adultas informaram possuir também CPF. Quase sempre trata-se de homens.

#### 4. Economia.

1993

Antes de na década de 80 abandonarem a vida nômade e semi-nômade, os 450 ciganos atualmente sedentarizados na cidade de Sousa, viviam basicamente do comércio de "animais" (isto é, de equinos: cavalos, jumentos, burros) ou de objetos industrializados, especialmente armas. Não consta que tenham sido produtores de artesanato de qualquer espécie. Nunca, também, trabalharam em atividades circenses, nem em parques de diversões. As mulheres completavam a renda familiar praticando a quiromancia (leitura das mãos) ou rezando "orações" para proteger a pessoa contra doenças, mau-olhado e outros males. Mas a principal fonte de renda era o comércio ambulante praticado pelos homens. A área de perambulação era o interior da Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

Na época, este comércio proporcionava aos ciganos uma vida bastante confortável. Existiam até ciganos ricos como, por exemplo, um antigo chefe, avô de um dos atuais chefes de Sousa. Segundo vários informantes mais idosos, este chefe possuía "uma cruz em ouro 18 maciça", muitas jóias e moedas de ouro, esporas e arreios de cavalo em prata legítima, etc. Mesmo dando o devido desconto para eventuais exageros históricos, não resta dúvida alguma que era um cigano rico.

As informações são contraditórias quanto à época em que começou o declínio. O chefe teve seis filhos, um deles hoje residente em Sousa. Segundo alguns informantes, este chefe era "mão aberta", generoso demais, e muitos ciganos se aproveitaram disto e ele ficou pobre ainda em vida. Segundo outros foram os filhos que não souberam administrar a riqueza após o falecimento do pai. Seja como for, hoje todos os descendentes vivem na miséria absoluta.

Não tenho informações sobre outras famílias tão ricas. A riqueza do cigano citado acima talvez tenha sido uma exceção, mas não resta dúvida que todas as famílias ciganas antigamente viviam numa situação bem mais confortável do que hoje.

Nem sempre viveram exclusivamente das atividades comerciais. Também lembram, com saudade, os "bons tempos" em Pau dos Ferros (RN), onde residiram vários anos na Fazenda Califórnia, de propriedade de Nelson Benício Maia Filho, grande amigo dos ciganos, "como todos os Maia". Nesta fazenda construíram açudes e barragens, mas informam ter trabalhado também em atividades agrícolas: plantio e colheita de arroz, feijão, milho e outros produtos.

Os ciganos sabem que esta vida nômade de outrora acabou definitivamente: "*Deus deu um tempo para o cigano andar, e outro para morar ..... agora Deus disse para nós parar*". Segundo outro informante deixaram de andar "*porque foi vontade de Deus, foi tudo concebido*".



por Jesus". Só alguns poucos ciganos parecem ter consciência das reais causas de sua sedentarização.

Em primeiro lugar pode ser citada a industrialização do Brasil a partir da década de 60 quando, inclusive, começou, em escala maior, a produção nacional de automóveis, caminhões, ônibus e tratores. Sempre mais o uso de animais de transporte ou de tração se tornou supérflua. Hoje quase só a população pobre ainda utiliza equinos comercializados pelos ciganos, para carregar água, lenha ou produtos agrícolas.

Ao mesmo tempo iniciou-se a construção das rodovias e com isto surgiu outra importante mudança para os ciganos. Segundo eles próprios informam, muitos dos fazendeiros que antigamente hospedavam ciganos, oferecendo-lhes empregos temporários (p.ex. a construção de açudes, trabalho nas épocas de plantio e colheita, etc.), ou que davam alguma assistência temporária (água, alimentação, ou autorização para acampamento), hoje não residem mais nas suas propriedades, mas preferiram o conforto de cidades grandes, muitas vezes distantes. Hoje as propriedades rurais são administradas por capatazes que nada fazem em favor dos ciganos. Capataz também não compra ou troca animal, nem dá emprego. Ao que tudo indica, foi este êxodo dos proprietários rurais para as grandes cidades um dos principais motivos pelos quais os ciganos tiveram que abandonar a sua vida nômade, ou seja, foi a causa principal de sua sedentarização. Mas sedentarização não significa, necessariamente, também pauperização. Tanto na Europa quanto no Brasil existem ciganos sedentários ricos.

Os melhoramentos nos meios de transporte fizeram aumentar também o número de estabelecimentos comerciais nas vilas e nas cidades do interior, outro fator que resultou na desvalorização do comércio ambulante cigano. Viajar deixou de ser uma aventura e mesmo as vilas e sítios menores passaram a ser servidos por uma linha de ônibus ou outro tipo de transporte coletivo. Hoje quase todas as pessoas preferem fazer suas compras nas cidades próximas, onde encontram produtos de melhor qualidade, maior variedade e preços mais baratos.

Todos estes fatores fizeram com que o tradicional comércio ambulante cigano se tornasse aos poucos sempre menos rentável. Diante disto, a sedentarização nas proximidades de uma cidade maior, para muitos ciganos se tornou a única saída. Ou seja, a nosso ver, não foi a sedentarização que causou a proletarização, mas foi a proletarização, foi o empobrecimento, que obrigou os ciganos de Sousa a aceitar uma vida sedentária. E por causa disto, na década de 80, três grupos ciganos se fixaram sucessivamente na cidade de Sousa. Hoje totalizam cerca de 70 famílias nucleares e 450 pessoas.

Os homens, ao serem questionados sobre suas atividades e habilidades profissionais, em sua quase totalidade respondem que não sabem fazer outra coisa a não ser "negociar" animais ou pequenos objetos. Mas se este pequeno comércio já era difícil na zona rural, pior ainda é a situação na cidade. A população urbana não precisa de animais; o comércio de armas é ilegal e tem de ser feito às escondidas; trocar ou vender objetos usados como um relógio, um rádio, um conjunto de som ou uma televisão nunca dá muito lucro; encontrar otários que comprem caro um objeto barato é quase impossível. Conforme um informante cigano: "*a gente compra aqui mesmo na bijouteria uma pulseirinha ou um colar, e depois vende como se fosse de ouro*". Mas para um pequeno negócio como este dar algum lucro, obviamente será necessário encontrar um comprador não muito esperto. Difícilmente um morador de Sousa ainda cai nesta armadilha pelo que as vítimas são normalmente os habitantes dos sítios rurais em visita à cidade. Mais tarde, naturalmente, estas pessoas descobrem que foram enganadas e ninguém pode culpá-las por terem preconceitos anticiganos. Daí porque, mesmo na cidade, o mercado de trabalho para os ciganos comerciantes, está diminuindo sempre mais.

A situação piora ainda mais devido à falta quase total de qualificação profissional, apesar de vários informantes afirmarem que "cigano é muito inteligente, sabe fazer qualquer coisa, logo ele aprende.....". Aos poucos, no entanto, minhas observações me levaram a desconfiar que os ciganos não conseguiram aprender tudo que deveriam ter aprendido para sobreviver como comerciantes e que talvez mais do que os fatores acima citados para explicar sua sedentarização, a sua falta de escolaridade e de preparo profissional tenha sido a principal causa de sua falência como comerciantes e de seu empobrecimento. Tudo indica que, pelo menos os ciganos de Sousa, foram derrotados também, e talvez até principalmente, por sua incapacidade de lidar com números e em consequência disto, com a inflação que castiga o Brasil há dezenas de anos.

No Brasil, a inflação existe há muito tempo, mas para a nossa análise basta recordar a inflação desde a época em que Sousa foi escolhida como "ponto fixo" por pelo menos três grupos ciganos, na época ainda nômades ou semi-nômades. Principalmente a partir da década de 80, a inflação brasileira assumiu proporções catastróficas a ponto de ser calculada em bilhões de porcentos (segunda a revista VEJA, de 09 de junho de 1993, de 1980 a 1993 a inflação brasileira foi de 146.219.946.300%). A moeda nacional mudou quatro vezes de nome, cada vez tirando-se três zeros da moeda anterior. A inflação mensal está se aproximando dos 30%; as TV's não se cansam de mostrar que ninguém sabe mais o preço e o valor das coisas, nem de uma simples caixa de fósforos, de um pão francês ou de um quilo de batata, para não falar de objetos industrializados como vestuário ou eletrodomésticos.

Boa parte da população brasileira soube adaptar-se, a ponto de se falar, inclusive, na existência de uma "cultura inflacionária". Mas qualquer comerciante que queira sobreviver num país com uma "cultura inflacionária" e uma inflação permanente de algumas dezenas de porcentos ao mês, no mínimo terá que entender algo de cálculos, terá de saber as quatro operações básicas: somar, subtrair, dividir e multiplicar. Os ciganos souseses, devido à sua vida nômade e por outros motivos, não costumavam frequentar escolas, mas apesar disto, muitos aprenderam a ler e a escrever. Mas tudo indica que nunca aprenderam corretamente a calcular. Em abril de 1993 fiz um pequeno teste com sete ciganos adultos: três tinham estudado até a 5ª, 6ª e 7ª série do primeiro grau, respectivamente; os outros quatro nunca frequentaram uma escola, mas sabiam razoavelmente ler e escrever. Nenhum deles, no entanto, sabia corretamente fazer cálculos.

Os fatores macro-econômicos citados no início deste capítulo (industrialização, mecanização rural, êxodo dos proprietários rurais, aumento do número de estabelecimentos comerciais no interior), sem dúvida alguma, contribuíram para a sedentarização e o empobrecimento dos ciganos, não somente aqui no Brasil, mas comprovadamente também na Europa. No entanto, os testes que realizei com estes sete ciganos prova que com certeza não foram os únicos culpados. Acredito que uma das causas da falência do comércio ambulante cigano tenha sido também a sua precária escolaridade (para a maioria a ausência total de escolaridade), que não apenas os tornou comerciantes desqualificados num país com uma constante inflação alta, como também os torna, ainda hoje, mão-de-obra desqualificada para a quase totalidade dos empregos urbanos. As causas macro-econômicas são irreversíveis; a falta de escolaridade tem solução.

Ao perguntar aos homens sobre as suas fontes de renda atuais, sobre como conseguem comprar comida, roupa, etc., a resposta, quase sem exceção, era que de vez em quando faziam "algum negócio" (quase nunca claramente especificado). Mas alguns não se cansavam de dizer que sabem fazer "muitas outras coisas", além de negociar. É possível que assim seja, mas não foram capazes de prová-lo quando da pesquisa. O cigano A, p. ex., seria um excelente armeiro: "conserta qualquer arma, faz qualquer peça estragada", etc. O problema é que não presenciei A. consertando armas, porque A. não possui uma única ferramenta qualquer para

consertar armas. O cigano B. seria hábil em fabricar móveis, mesas, cadeiras etc.. Só que durante a pesquisa, B. não dispunha de um prego, um martelo, um serrote, uma tabinha etc., para mostrar a sua habilidade, e nenhum cigano possuía móveis em casa feitos por B. O cigano C. seria um excelente cabelereiro (além de electricista). O problema é que, quem quiser cortar cabelo, tem que trazer a tesoura. Também não possuía um alicate ou uma chave de fenda para os serviços de eletricidade. Os ciganos D. e E. seriam excelentes desenhistas, "que desenham o senhor do jeito que é", mas infelizmente naquele momento nenhum dos dois possuía um lapis ou uma folha de papel para provar a sua habilidade. Outros saberiam consertar relógios, mas não sei como, porque não possuíam instrumento algum para isto.

Para saber se estas e outras informações sobre "habilidades profissionais ciganas" são fantasias ou verdades, só há uma única solução: fornecer a estes ciganos, através de venda financiada, empréstimo ou doação, os instrumentos e a matéria-prima necessária, e verificar os resultados finais.

Em Sousa pude verificar a habilidade musical de vários ciganos cujo sonho é fundar o conjunto musical "Os Zíngaros" (nome escolhido por eles próprios!), especializado não em músicas ciganas, mas em músicas nordestinas, músicas sertanejas, Raul Seixas, Waldick Soriano e outros "astros" semelhantes, muito apreciados na região. Alguns dos membros do futuro (por enquanto apenas sonhado) conjunto já compuseram músicas próprias. No momento, o conjunto possui apenas uma guitarra elétrica e alguns poucos equipamentos de som, pelo que ainda não é possível apresentar-se em público.

Só alguns poucos ciganos são assalariados. Em todos os casos trata-se de empregos públicos, conseguidos como favor político. Um cigano, por exemplo, trabalha na Rede Ferroviária, outro na CAGEPA (Cia. de Água e Esgotos da Paraíba), e recentemente o novo prefeito contratou quatro ciganos para vigiar um ginásio de esportes, localizado perto dos ranchos ciganos e que, embora de construção recente, se encontra em completo abandono. Mmais um exemplo de gasto inútil de dinheiro público, apenas para enriquecer alguns políticos e empreiteiros locais ou estaduais. O salário destes vigias é irrisório, menos do que um salário mínimo, a ser dividido entre os quatro!

Apesar da baixa remuneração, são estes os empregos cobiçados por todos, por não requererem qualificação profissional alguma. O problema é que não existem muitos destes empregos disponíveis em Sousa. Aliás, na cidade quase não existe oferta de emprego para ninguém, cigano ou não-cigano, fato agravado ainda mais pela recessão econômica e pela seca que assolava a região em 1992/1993. Não disponho de dados estatísticos, mas tudo indica que existe uma altíssima percentagem de desempregados na região como um todo.

Os ciganos, obviamente, costumam atribuir o seu desemprego à discriminação pela sociedade não-cigana, e não à sua falta de qualificação profissional. Não nego que existem estereótipos negativos sobre os ciganos. E por causa da má fama que os ciganos gozam na região, é lógico que o industrial, o empresário, o construtor ou o comerciante que precisar de mão-de-obra não-qualificada, dê preferência à contratação de não-ciganos, mesmo para serviços avulsos.

Aparentemente não falta vontade de trabalhar. Inúmeras vezes homens pediram para falar com a pessoa X ou Y para "arrumar um emprego". Ao indagar sobre "que tipo de emprego?", a resposta, quase invariavelmente era, "qualquer um, mas vê se ele não precisa de um vigilante". A preferência pela "profissão" de vigilante tem sua razão de ser, não porque ela não exige qualquer habilitação profissional, mas principalmente porque ela justifica que a pessoa ande armada e talvez até consiga o tão desejado porte de armas.

Em Sousa não é segredo para ninguém que muitos ciganos possuem armas. E sabem usá-las, quando contrados, por não-ciganos, para "removerem um obstáculo". Mas para andar armado na cidade, sem ser incomodado pela polícia, o porte de armas é talvez o documento mais

cobiçado. Pelo menos uns dez homens me pediram para falar, em João Pessoa, com o Secretário da Segurança Pública, ou com o Procurador da República, para lhes conseguir um porte de armas. Não conseguiram.

Na prática, não há trabalho assalariado para os homens, ninguém possui terras para plantar, e as atividades comerciais são quase inexistentes. Diante disto, uma importância fundamental assumem as atividades econômicas femininas, porque, ao que tudo indica, hoje são basicamente as mulheres que sustentam as famílias, que conseguem o feijão e o arroz de cada dia, e às vezes algum pouco "tempero" (carne, peixe). Logo cedo pela manhã, enquanto a maioria dos homens ainda está dormindo ou joga baralho "para passar o tempo", as mulheres já estão a caminho do centro de Sousa, menos de três quilômetros de distância, onde se dedicam principalmente à mendicância: "a gente consegue um pouco de feijão aqui, um pouco de arroz ali; vai juntando até dar para uma refeição".

Durante a pesquisa, nenhuma cigana pediu para ler minha mão. Afirmam que ainda dominam a arte da quiromancia (leitura das mãos), mas como já estão há tanto tempo em Sousa, provavelmente já leram a mão de cada habitante umas cinco vezes, e ninguém aguenta mais. Só fazem isto de vez em quando, se encontrarem uma pessoa desconhecida. Da mesma forma, nenhuma cigana puxou uma bola de cristal, um tarô, e menos ainda pedras runas, para ganhar algum dinheiro às minhas custas. Não escapei, no entanto, de algumas ciganas idosas que invariavelmente previam que tinha gente me invejando e que bastavam certas "orações" para resolver o problema.

Também as mulheres afirmam que sabem fazer "muitas coisas", como, por exemplo, crochê e renda. Só que não vi nenhuma mulher fazendo crochê ou renda. Enquanto isto, no distrito vizinho Aparecida, a cerca de 20 km. de distância, encontram-se dezenas de moças e mulheres fazendo crochê, durante o dia todo, em qualquer esquina do lugarejo ou sentadas na frente de suas casas. Resta, portanto, apenas a mendicância, praticada quase que exclusivamente pelas mulheres.

Apenas alguns poucos homens, geralmente velhos, viúvos ou com problemas mentais, também pedem esmolas. Os outros, quando de suas idas ao centro de Sousa, ficam parados junto ao prédio da TELPA, esperando pessoas para trocar ou vender algum objeto ou animal, ou para arrumar algum serviço.

Ao que tudo indica, muitos ciganos de Sousa incorporaram o discurso da "discriminação generalizada contra os ciganos", e por causa disto nada mais fazem para conseguir um emprego ou um trabalho avulso: "*Não adianta, doutor, ninguém nos dá emprego; por isso a gente nem procura mais*". O que aparentemente existe é uma imensa apatia, uma enorme falta de força de vontade de vencer na vida, por muitos não-ciganos, com ou sem razão, interpretada como "preguiça".

Esta opinião é partilhada também por um chefe cigano de outra cidade da Paraíba. Para ele, os ciganos de Sousa seriam "acomodados": "de cada cem, uns vinte trabalham, e os outros ficam dependendo". A origem desta dependência provavelmente seja o alto valor que, ainda hoje, os ciganos dão à família extensa e ao chefe. Um bom chefe é aquele que não apenas decide por seu povo, mas que também cuida do seu povo, que arruma alimentos, que paga as consultas médicas e compra os remédios, que resolve os problemas com as autoridades locais, etc. Este valor cultural, obviamente, tem seu lado positivo, porque - como eles próprios dizem - ninguém passa fome, a não ser quando todos passam fome, um fenômeno sempre mais frequente. Mas o lado negativo deste paternalismo, com certeza, tem sido o estímulo ao acomodismo, à falta de espírito de iniciativa, à passividade de boa parte dos homens ciganos de Sousa.

Naturalmente, os ciganos negam isto e fazem questão de dizer que são esforçados, trabalhadores, etc., etc. O problema é apenas que não apresentam as provas disto. Com

exceção louvável para o (sonhado) conjunto musical, não observei nenhuma iniciativa para melhorar de vida. A quase totalidade dos ciganos fica esperando que Deus, Jesus, Nossa Senhora, Padre Cícero, São Francisco das Chagas, frei Damião ou, na falta deles, algum político, algum procurador ou até algum antropólogo resolva todos os seus problemas. A pessoa vence na vida não por esforço próprio, mas com a ajuda de alguma entidade celeste, ou de algum político ou amigo terrestre.

Em Sousa existe ainda um problema adicional, observado às vezes também na Europa: a presença, num determinado local, de um número excessivo de ciganos, que quase todos se dedicam à mesma profissão. Em Sousa encontram-se 126 homens de 15 a 64 anos de idade, que só sabem fazer uma única coisa: negociar animais ou pequenos objetos, e um número quase igual de mulheres que apenas sabem mendigar. Metrópoles como São Paulo, Rio de Janeiro ou Recife talvez fossem capazes de absorver tamanha população não qualificada cigana, mas isto é simplesmente impossível numa pequena cidade como Sousa.

Não acredito que em Sousa os valores culturais tenham contribuído para o alto grau de desemprego entre os homens. Os homens não trabalham em atividades independentes, porque suas atividades tradicionais deixaram de ser rentáveis e nunca aprenderam ou se interessaram em aprender outras atividades. Os homens não são operários assalariados não porque não querem, mas porque não existem suficientes empregos assalariados, e mesmo quando existem, ninguém emprega um cigano. E é por causa disto que em Sousa os ciganos se consideram pobres, e realmente são pobres.

A curto prazo não há solução para os problemas econômicos ciganos, e talvez nem a longo prazo: a seca castiga a região, já ocorreram saques em várias cidades do interior, os rios e muitos açudes estão secos ou secando, os problemas são iguais para ciganos e não-ciganos. Isto não quer dizer que nada pode ou que nada deve ser feito. Já falei acima dos ciganos que "sabem fazer muitas coisas", mas que não possuem os instrumentos de trabalho, nem a matéria-prima necessária. Na maioria dos casos trata-se de instrumentos simples e de matéria-prima barata. Bastou fornecer a um dos três candidatos a cabelereiro duas tesouras profissionais, para ele não somente provar o seu talento, como também começar a ganhar algum dinheiro nos sítios rurais do município. Com equipamento completo (sendo a peça mais cara um secador de cabelo) certamente teria oportunidades profissionais ainda maiores. Outro cigano sonha em montar um salão de cabelereiro em Sousa. Um cigano já idoso expressou sua vontade de possuir os instrumentos necessários para voltar a fazer anéis, brincos e outros tipos de bijouteria em bronze, cobre e outros metais menos nobres, já que trabalhar com ouro ou prata, como fazia antigamente, está fora de cogitação. O cigano carpinteiro já precisaria de um investimento maior. Várias mulheres gostariam de ter uma máquina de costura. Em todos estes casos trata-se de investimentos simples e de baixo custo, que facilmente poderiam ser bancados - se necessário a título de fundo perdido - por órgãos públicos interessados.

Voltar à vida nômade em grupo está fora de cogitação, mas vários ciganos demonstraram vontade de iniciar o "comércio móvel", tendo a cidade de Sousa como ponto fixo. Não seriam mais viagens em grupo, mas viagens individuais; mulheres e crianças ficariam em Sousa, inclusive por causa dos estudos dos filhos. Liégeois ressalta que o desenvolvimento e a industrialização trouxeram para os ciganos (europeus) não apenas resultados negativos. Os modernos meios de transporte tornaram possível o cigano ter um grande raio de ação, a partir de um ponto fixo ou semi-fixo. Daí porque "na atualidade seria mais relevante falar de mobilidade em lugar de nomadismo. Para o exercício de atividades econômicas, mobilidade é mais indispensável do que nomadismo, que não obstante permanece desejável como um componente de identidade e continua por motivos sociais".<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Liégeois, J.P., *Gypsies and travellers*, Strasbourg: Council of Europe, 1987, p. 66

Acontece, porém, que os ciganos de Sousa estão completamente descapitalizados e não é possível alguém iniciar um comércio móvel ou uma micro-empresa sem capital inicial. Mas somente capitalizar os ciganos não basta. Como já vimos acima, também seria necessária uma "reciclagem matemática"; os ciganos teriam que (re)aprender a lidar com números, seja fazendo contas com lápis e papel, seja com máquina de calcular. E finalmente, especialistas em micro-empresas teriam que ensinar aos ciganos como fazer bons negócios num país com uma cultura inflacionária.

### 1998/2000

Por volta de 1998, a Pastoral dos Nômades, através da Cáritas alemã, conseguiu R\$ 3.000 para o conjunto musical e com este dinheiro os próprios músicos compraram um teclado (de pouco mais de R\$ 1.000), uma guitarra (de cerca de R\$ 700), 2 microfones, 2 tripés, máquina de som de 500 watts, mesa de som de 8 canais e 2 caixas acústicas. Tudo escolhido por eles mesmos. Deste material, nada mais existiu em 2000, ou, pelo menos, não consegui ver uma única peça sequer. Segundo a Pastoral dos Nômades, tudo foi vendido, algo que os músicos negaram. Mas em 2000, não foram capazes de mostrar um único instrumento sequer.

A Cáritas alemã também doou três máquinas de costura, que logo tiveram o mesmo destino dos instrumentos musicais acima citados. Forneceu ainda a matéria prima para umas tantas mulheres ciganas fazerem croché, uma atividade que sustenta dezenas de famílias não-ciganas naquela região, como no município vizinho Aparecida (em 1993 ainda distrito de Sousa). Quase sempre para fornecedores e compradores cearenses que exploram a barata mão-de-obra feminina local.

Sem orientação sobre como tornar esta atividade lucrativa e permanente, as mulheres ciganas venderam sua produção (em alguns casos parece que venderam logo a matéria prima), e todo o dinheiro foi logo gasto com a compra de alimentos, vestuário, remédios, ou seja o que for. Mas nenhum dinheiro foi reservado para a reposição da matéria prima, porque esperavam que esta novamente fosse doada pelas agentes pastorais. Continuam esperando até hoje.

Com a devida orientação, e talvez a criação de uma cooperativa de costureiras e crocheteiras ciganas, o resultado poderia ter sido outro. Mas não se pode exigir que agentes pastorais também sejam peritas em economia, administração de micro-empresas ou de cooperativas.

Em 2000, no item: "Qual a sua principal atividade econômica hoje?" (do pai ou homem responsável pelo sustento da família), nos 25 questionários 4 homens declararam ser comerciantes, um era vigilante e outro pintor de obras, 2 nada declararam e 4 homens viviam de aposentadorias. Em nada menos do que 13 casos os recenseadores colocaram apenas a palavra "autônomo", sem maiores explicações. A palavra "desempregado" aparentemente não existe no vocabulário dos ciganos sousenses.

Num dos questionários, uma pessoa respondeu que antes de morar em Sousa sua atividade econômica era "trocar, comprar e vender", e na pergunta seguinte, sobre a atividade hoje, os recenseadores responderam: "a mesma coisa, ou seja é autônomo". Os 4 comerciantes e os 13 "autônomos" acima citados, aparentemente, se encaixam na mesma categoria.

O que estes ciganos "trocam, compram e vendem" em momento algum é explicitado (e nem consegui sabê-lo em 1993 ou em 2000), nem quando, como e com quem fazem este "comércio". E só se consegue fazer isto, abrindo um comércio qualquer local, ou então "indo p'ra rua", como fazem milhões de vendedores ambulantes em todo o Brasil, quase todos não-ciganos, inclusive em Sousa ou nos hoje municípios vizinhos de Aparecida ou Marizópolis (em 1993 ainda distritos de Sousa).

Enquanto isto, a quase totalidade dos ciganos sousenses adultos passa o dia inteiro nos ranchos, sem absolutamente fazer nada economicamente rentável. Portanto, ser "autônomo",

parece ser mais um sonho, um desejo, do que uma realidade. Ou então apenas uma desculpa para não fazer nada.

Quatro dos 25 homens recenseados em 2000 recebem aposentadorias, a saber, dois idosos (77 e 78 anos, respectivamente) e outros dois homens ainda jovens recebem aposentadoria, um por causa de um filho com deficiência mental, e outro por causa de um filho surdo. Ambos os pais nada informaram sobre sua atividade atual, e aparentemente se acostumaram a (sobre)viver apenas com a aposentadoria conseguida com a desgraça dos filhos. Em todos os casos, a aposentadoria corresponde a um salário mínimo.

Apenas o pintor, um comerciante e um “autônomo” informaram o valor de sua renda mensal aproximada, sempre variável, mas sempre abaixo do salário mínimo nacional. Portanto, continuam misteriosas as atividades econômicas e as fontes de renda de nada menos do que 18 dos 25 pais de família ciganos sousenses recenseados em 2000.

Segundo o Censo 1998 da Pastoral dos Nômades, no rancho de Fernando [ex-Pedro Maia, o rancho ‘de cima’], as atividades econômicas masculinas seriam: “troca e venda (32), nada (8), vendedor parado, jogador de futebol, vigilante, aposentados, vendedor ambulante, pedir esmola, comércio de jóia, servente de pedreiro, comerciante, motorista, eletricitista, bandeirinha de time de futebol, prestador de serviço, ler mão”.

No rancho de Eládio seriam apenas as seguintes: “cortar cabelo; vender objetos; agricultor; negócios; lar; aposentadoria; pedir esmolas”. No rancho de Vicente as respostas foram: “troca e venda; nada; agricultor; músico; vassouras; pedir esmolas; cabelereiros; cartomante e videntes; serventes de pedreiros; tudo; pintor de paredes”.

A Pastoral dos Nômades também perguntou sobre as habilidades que possuem, e, excluídas as atividades econômicas acima citadas (mas que poucos deles de fato exercem), as respostas foram: “fabricar arreios e chinelos, consertar rádio, fabricar malas, encanador, mecânico, artesão (madeira), fabricar rede de volei, pulseira de artesanato, ajudar caminhoneiros, enfeitar canetas, costurar, músicos (violão, teclado, sanfona, cantor), fazer tapetes, técnico em eletrônica”, além de conserto de bicicleta, trabalho de roça, agricultura, motorista, eletricitista, vigilante, ajudante de pedreiro e cortar baralho. Apenas um cigano, formado pela faculdade de direito local (Campus sousense da Universidade Federal da Paraíba) declara como habilitação “advocacia”, mas não exerce a profissão e continua no seu velho emprego na CAGEPA. É um dos poucos que tem um emprego assalariado.

No Censo 2000 o item: “Cite duas atividades que sabe e gostaria de exercer”, recebeu as seguintes respostas: jogador de futebol (5), trocar e vender (3), motorista (2), pintor (2), vigia (2), servente, fotógrafo, marceneiro, cantor, músico (1). Mas nada menos do que 10 dos 25 homens/pais de família recenseados nada declararam. Descontando-se os dois idosos aposentados, sobram pelo menos 8 homens perfeitamente aptos a trabalhar, mas aparentemente incapazes ou sem vontade de exercer qualquer atividade econômica, incluindo-se neles os dois jovens pais que vivem exclusivamente da aposentadoria dos seus filhos.

Em 1993 não consegui saber as fontes de renda dos ciganos de Sousa, e nem o consegui agora, em 2000, salvo em alguns poucos casos. Apesar disto, aumentou o número de fogões, geladeiras, TV’s, conjuntos de som, móveis, e inclusive de antenas parabólicas, em 1993 ainda inexistentes.

Também as perguntas sobre as atividades femininas, pouco de útil revelaram. Duas mulheres informam fazer croché, uma diz ser comerciante, outra faz croché e vende doces e salgados, e uma quinta informa fazer croché e costura. Duas ciganas idosas recebem aposentadoria. Nenhuma declarou praticar a quiromancia, uma atividade que já em 1993 quase não existia mais. Em momento algum os recenseadores mencionaram como fontes de renda a

mendicância feminina, que comprovadamente existe. Assim sendo, também a contribuição das mulheres para o orçamento familiar continua a ser um mistério.

## 5. Educação.

1993

Estima-se que na Europa mais da metade dos ciganos em idade escolar não frequenta as escolas. E os que freqüentam, muitas vezes recebem um ensino inadequado e insatisfatório. O grau de analfabetismo é de 65% a 95% e normalmente a educação escolar não vai além do 1º grau. Na Alemanha (Ocidental), p.ex., apenas 1% passa para o 2º grau. As causas disto, na Europa, são várias:

(1) a vida nômade impossibilita a frequência escolar (lembro que muitas vezes o cigano é nômade não porque quer, mas porque as atitudes das autoridades locais o obrigam a isto);

(2) mesmo quando sedentário, as condições de vida nos acampamentos normalmente são precárias: não costumam ter escolas próprias, só para os ciganos, e quase sempre ficam distantes dos centros urbanos, isto é, distantes também das escolas;

(3) o preconceito e a discriminação contra os ciganos que se manifestam também nas escolas, em forma de agressão, rejeição ou hostilidade, pelo que muitos ciganos preferem não mandar seus filhos para as escolas. Daí porque as crianças ciganas costumam ser penalizadas nas escolas (castigos físicos, notas baixas etc.); a cultura cigana é ridicularizada. Resulta muitas vezes uma atitude agressiva, de autodefesa, frustração e eventualmente abandono escolar. Em alguns países costuma-se então colocar as crianças ciganas em classes especiais para crianças retrógradas ou problemáticas. Na Alemanha (Ocidental), p.ex., cerca de 40% dos alunos ciganos, contra apenas 3% dos alunos não-ciganos, estavam neste tipo de classes especiais.<sup>3</sup>

(4) em alguns países da Europa, os governos utilizam a instrução escolar como instrumento de integração e assimilação forçada; (a) porque obriga os ciganos a uma vida sedentária (em acampamentos ou não); (b) porque o ensino escolar resultará quase que necessariamente em mudanças nos valores culturais das crianças ciganas, que aprenderão os valores não-ciganos. Daí porque muitos ciganos consideram a escola uma instituição alienadora e evitam mandar seus filhos para a escola.

Liégeois informa ainda que na Europa pouca atenção tem sido dada ao treinamento profissional. E quando existe, muitas vezes é inútil. Na Irlanda, p.ex., as ciganas aprenderam a costurar com máquinas industriais, impossíveis de serem utilizadas numa casa comum, e menos ainda num trailer ou numa barraca de lona, enquanto nas fábricas não existem mais empregos para esta atividade.<sup>4</sup>

Na Paraíba, a quase totalidade dos ciganos adultos de Sousa nunca frequentou uma escola. Exceção é, por exemplo, L. de 45 anos de idade, filho de um dos chefes e aluno do Curso de Direito, único curso superior ministrado em Sousa pela Universidade Federal da Paraíba. Outro adulto já concluiu o Segundo Grau, mas não foi aprovado no vestibular de 1992 (também para o Curso de Direito), e não conseguiu inscrever-se no vestibular de 1993 porque, apesar de comprovadamente ser cigano pobre, não foi isentado do pagamento da taxa de inscrição. Ou não foi isentado por ser cigano?

O fato de os ciganos de Sousa nunca terem frequentado os bancos escolares não significa que todos sejam analfabetos. Boa parte dos adultos, e também dos menores, declara saber ler e

---

<sup>3</sup> Liégeois 1987: 140-146.

<sup>4</sup> Liégeois 1987: 152-153



escrever. Talvez não saibam ler e escrever com facilidade, mas possuem os conhecimentos básicos, aprendidos por esforço próprio. Não disponho de números exatos, inclusive porque não foi possível realizar testes, mas acredito que quase a terça parte da população cigana acima de 10 anos de idade tenha pelo menos conhecimentos rudimentares de leitura e de escrita, embora não de contabilidade (matemática).

Ao contrário do que afirmam muitos autores sobre os valores educacionais dos ciganos europeus, existe entre os ciganos de Sousa um desejo enorme de matricular seus filhos numa escola. Mas apenas alguns poucos conseguiram realizar este sonho, e mesmo assim apenas em parte.

Por ironia do destino, dois dos ranchos ciganos ficam localizados a poucos metros da Escola Estadual de 1º Grau Celso Mariz, que ensina do 5º ao 8º ano, e da Escola Agrotécnica Federal de Sousa, que ministra um curso de Técnico em Agropecuária (80 vagas anuais) e outro de Técnico de Economia Doméstica (40 vagas anuais). Trata-se de cursos profissionalizantes para alunos que já concluíram o Primeiro Grau. Não há registro de ciganos estudando ou que tenham frequentado a Escola Agrotécnica. A diretora da Escola Celso Mariz informou que no estabelecimento já estudaram alguns ciganos e que os mesmos sempre tiveram um comportamento exemplar.

Não disponho da relação de todos os estabelecimentos de 1º Grau da cidade de Sousa, mas alguns ficam distantes demais dos ranchos ciganos e outros nem mais são procurados por sempre terem recusado a matrícula de ciganos. Exemplo disto é a Escola Rotary Clube. Ninguém estuda nesta escola porque um dos professores ameaçou abandonar a escola caso algum cigano fosse aceito como aluno. Outro exemplo é a Escola Batista Leite. Parece que a última vez que alguns ciganos tentaram a matrícula nesta escola foi em 1989/90, quando receberam como resposta: *"vocês estudam, mas têm que arrumar cinco galinhas p'ra nós"* (fato citado por vários informantes). Não sei se esta resistência à presença de ciganos nestas escolas parte dos seus dirigentes e docentes, ou se se trata de uma exigência dos pais não-ciganos, que não querem ver seus queridos filhos "misturados" com crianças ciganas. Sobre então apenas a Escola Municipal Otacílio Gomes de Sá, com ensino do 1º ao 4º ano do primeiro grau.

A Escola Otacílio Gomes de Sá é pequena e dispõe de apenas quatro salas com capacidade para 40 alunos cada. Em janeiro de 1993, época de férias, uma das salas servia exclusivamente para guardar algumas dezenas de carteiras quebradas, mas é possível que seja utilizada para ministrar aulas a partir de março, quando do início do período letivo. Embora a escola fique a apenas pouco mais de um quilômetro dos ranchos, só alguns poucos ciganos conseguem estudar na mesma. A criança cigana sem certidão de nascimento (a maioria) não tem direito à matrícula. E para aquelas que possuem este documento, tudo parece depender da sorte. Não tive oportunidade de entrevistar a diretora desta escola, mas segundo vários pais ciganos, a tática da escola é vencer pelo cansaço: *"volte amanhã, volte na semana que vem..."*, e no final a frase fatal: *"não têm mais vagas"*.

Diante disto não é de estranhar que apenas algumas poucas crianças ciganas tenham conseguido matrícula na Escola Otacílio Gomes de Sá. E destas poucas "privilegiadas", várias desistiram no meio do caminho. Pelo menos três meninas desistiram de frequentar as terceira e quarta séries, pelo fato de estas serem ministradas à noite. Entre a escola e os ranchos fica uma área deserta e, não sem motivo, as meninas tinham medo de serem molestadas por "elementos" não-ciganos da cidade de Sousa.

Por outro lado, constatei também que os ciganos costumam culpar a discriminação pela população local por todos os seus males, quando na realidade a culpa muitas vezes é, pelo menos em parte, a sua própria atitude, ou a sua ignorância. Em janeiro, ao receber a

informação de que a Escola Otacílio Gomes de Sá se recusava matricular um menino cigano na segunda série, resolvi acompanhá-lo à escola para ouvir as explicações da diretora. Em primeiro lugar, a matrícula nem sequer tinha começado e só iniciaria em 10 de fevereiro, portanto, ninguém recusou matrícula de ninguém. Em segundo lugar, como só depois fiquei sabendo, o menino tinha abandonado o curso de alfabetização e nunca tinha frequentado a primeira série. Mesmo assim, o pai pretendia a qualquer custo matricular seu filho na segunda série, "porque ele é muito inteligente". Obviamente a matrícula deste menino teria sido recusada, por motivos legais, e não por causa da discriminação.

Em resumo, observei que: (1) entre os ciganos de Sousa existe uma enorme vontade de matricular seus filhos numa escola; (2) existe também entre as crianças uma enorme vontade, para não dizer ansiedade, de frequentar uma escola; (3) mas apenas algumas poucas crianças estudavam ou já estudaram em escolas da rede pública, (a) por causa da discriminação dos ciganos pela população local, (b) por falta da documentação necessária, e (c) por motivos de segurança (aulas noturnas para alunos das terceira e quarta séries de primeiro grau!).

Como estes problemas existem há pelo menos dez anos, constatei uma demanda educacional reprimida: entre os 123 menores ciganos de 5 a 14 anos, havia pelos menos uns cem ansiosos para receber ensino formal de primeiro grau, e a quase totalidade deles teria que iniciar a partir da alfabetização. Desde já deve ser óbvio que a Escola Otacílio Gomes de Sá, mesmo se tivesse a maior boa vontade, com suas quatro salas de aula, seria incapaz de resolver este problema.

Entre os ciganólogos europeus predomina a idéia que o ideal seja uma escola só para as crianças ciganas. Outros, entretanto, defendem a escola mista (ciganos e não-ciganos), pelo fato de ela ser uma maneira - e talvez a única - de diminuir ou até acabar com os preconceitos contra os ciganos. Diante disto perguntei aos ciganos - aos adultos e aos poucos adolescentes e menores que já frequentaram uma escola - sobre a sua preferência. Quase por unanimidade a resposta era uma escola somente para os ciganos. Apenas um menino cigano estava a favor da escola mista, e em poucas palavras resumiu as vantagens: "*porque lá eu tinha amigos*". E amigo de escola, geralmente é amigo para sempre. Cem crianças ciganas numa escola mista podem significar quatrocentos ou mais amigos no futuro, e como estes amigos também têm parentes e amigos não-ciganos, cada criança cigana matriculada numa escola mista no futuro pode significar cerca de dez ou mais pessoas sem preconceitos contra ciganos. E enquanto não conseguirmos acabar com os preconceitos e as discriminações contra os ciganos, nunca também encontraremos uma solução definitiva para os inúmeros problemas atualmente enfrentados pelo povo cigano.

O assunto é discutível, mas de qualquer forma, uma escola só para ciganos exigiria a construção de um prédio escolar novo e a devida formação de pelo menos alguns professores ciganos (porque nestas escolas o ensino costuma ser bilíngue), o que levaria muito tempo. E os ciganos de Sousa necessitam uma solução de emergência a curto prazo, a saber, uma escola (alfabetização e as primeiras séries do Primeiro Grau) para uma centena de crianças e para vários adolescentes e adultos ciganos.

Diante disto, ainda no início de fevereiro de 1993 foram tomadas duas medidas práticas. Em primeiro lugar, para possibilitar a matrícula de pelo menos uma parte das crianças ciganas na Escola Otacílio Gomes de Sá, ou em outra escola de primeiro grau, a Procuradoria da República na Paraíba forneceu aos ciganos 25 formulários individuais de matrícula, devendo a diretora da Escola, em caso de recusa, mencionar por escrito o motivo da mesma. Nenhum cigano precisou devolver o formulário. Em segundo lugar, com apoio da diretora da Escola Estadual de 1º Grau Celso Mariz, situada a poucos metros dos ranchos ciganos, e posterior autorização da Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Paraíba, foram aproveitadas três salas ociosas desta escola para a alfabetização e a 1ª Série do 1º Grau. A quase totalidade

das crianças ciganas preferiu estudar na Escola Celso Mariz. Não disponho de números exatos, mas em abril de 1993, a diretora estimou que cerca de 80 a 100 crianças ciganas estavam matriculadas, com a dispensa provisória dos documentos normalmente exigidos, em classes mistas, junto com outras crianças não-ciganas da área. Ao curso de alfabetização deverão seguir-se, nos próximos anos, as séries normais do Primeiro Grau. Uma vantagem adicional é que esta escola não se limita apenas ao ensino teórico, mas dispõe, ainda, de uma ampla oficina na qual ensina aos alunos habilidades técnicas, além de cursos de datilografia e corte-e-costura.

Existe, ainda, um número razoável de adolescentes e adultos candidatos ao "Curso Supletivo", para o que se exige a alfabetização e idade mínima de 16 anos. Em 1993, vários ciganos se matricularam no "Supletivo", e desde já quero aqui registrar que neste curso ninguém constatou discriminação alguma contra ciganos. Todos se matricularam sem o menor problema.

Com estas medidas, o problema escolar dos ciganos de Sousa parece em boa parte resolvido e hoje só não estuda quem não quiser. Mas apesar dos avanços obtidos na cidade de Sousa, continuam inalterados - e desconhecidos - os problemas escolares dos outros ciganos sedentários, semi-sedentários e nômades do Estado da Paraíba. Podemos supor que também em outras cidades existam preconceitos e discriminações, além de exigências impossíveis de serem satisfeitas pelos pais ciganos, como a apresentação de registros de nascimento, pagamento de matrículas, compra de fardamento e material escolar, frequência regular às aulas (impossível no caso de ciganos seminômades e nômades), etc. Nada, também, se sabe do aproveitamento escolar das crianças ciganas, de eventuais problemas com colegas não-ciganos, discriminação por professores, etc.

Não se deve confundir *educação de ciganos* com *educação cigana*. Não disponho de estudos sobre a problemática geral da educação cigana no Brasil, que envolve também a questão do ensino bilíngue. Do ponto de vista antropológico, os ciganos constituem um grupo étnico diferenciado, com valores culturais próprios e que fala, inclusive, uma língua própria cuja origem remonta ao sânscrito falado na Índia há cerca de mil anos. No Brasil, outros grupos étnicos, os índios, têm garantido o direito ao ensino bilíngue, pelo que é normal para as escolas de primeiro grau serem contratados professores indígenas. Da mesma forma, sou de opinião de que também aos ciganos deve ser garantido o direito de ensinar aos seus filhos a língua cigana, mesmo em escolas mistas, e isto somente poderá ser feito por professores ciganos.

Antigamente, quando nômades, os ciganos de Sousa costumavam falar a língua caló com mais frequência, principalmente no contato com não-ciganos. Quem for estrangeiro, como eu, sabe como é útil falar uma outra língua que ninguém entende e na qual se pode tranquilamente criticar ou xingar outras pessoas mesmo na presença delas, fazer comentários impublicáveis ou passar recados sigilosos a compatriotas. Em Sousa, todos os adultos falam a língua caló, mas constatei que as crianças com menos de 10 anos de idade estão, aos poucos, perdendo a habilidade de falar a língua caló, porque esta quase não é mais falada em casa. Hoje, com a vida sedentária, não há mais tanta necessidade disto, a não ser "na rua", p.ex. na feira em Sousa. Fiz testes com várias crianças e quase nenhuma delas sabia as palavras caló para braço, perna, cabeça, mão, e outros termos de uso comum. Os adultos não ficaram preocupados com este fato, porque "depois elas aprendem". É possível que assim seja, mas mais provável é que não. Crianças só aprendem uma língua quando esta é falada pelos pais em casa e por outras pessoas do grupo em que vivem. Caso contrário, a língua com certeza se perde, e com a língua pode desaparecer também a identidade cigana.

Para ensinar a língua caló nas escolas, será necessário que ela seja estudada por linguistas e que sejam elaborados textos escritos. Como desconheço a existência de linguistas ciganos no Brasil, necessariamente teriam que ser linguistas não-ciganos. Parece-me que em Sousa não haveria maiores problemas, mas um chefe cigano de outra cidade afirmou categoricamente que

cigano não deve ninguém deixar estudar "seus costumes" e "seus segredos", incluindo a língua cigana. Conforme este chefe, no dia em que os segredos da língua cigana forem desvendados para estranhos, os ciganos se acabariam como etnia diferenciada.

Os ciganos europeus já se convenceram do contrário: para salvar a identidade cigana é necessário o estudo aprofundado das línguas ciganas, o ensino destas línguas nas escolas, e a publicação de jornais, revistas, livros e material didático em língua cigana.

O problema educacional cigano não está resolvido apenas com a matrícula das crianças ciganas em escolas públicas ou particulares, ou seja, não está resolvido garantindo-se aos ciganos somente o direito à educação, embora isto já seja uma grande conquista. Para garantir o direito a uma educação cigana, inúmeros outros problemas terão de ser discutidos e, na medida do possível, resolvidos. E para isto será necessária a colaboração de todos os interessados e entendidos na problemática cigana, e principalmente dos ciganos, que deverão ser os protagonistas do seu próprio destino.

### **1998/2000**

Por motivos citados no ensaio de 1993, grande número de crianças começou a estudar na Escola Celso Mariz, vizinha aos dois ranchos "de baixo" (de Vicente e de Eládio). O Censo 1998 informa que nos ranchos sousenses viviam 98 crianças de 7 a 14 anos, sendo que destas, 77 frequentavam a escola e 21 não. Ou seja, a maioria estava frequentando a escola. O mesmo não acontecia em Marizópolis, onde viviam então 24 crianças ciganas de 7 a 14 anos, apenas 9 das quais estudavam e 15 não.

Segundo o Censo 2000, entre 1994 e 2000, nada menos do que 22 crianças abandonaram os estudos, 7 delas logo no ano de 1994. Os dados informam, ainda, que o abandono ocorre principalmente após o primeiro ano (6 casos) e após o quarto ano (12 casos).

As 25 casas precariamente recenseadas em 2000 representam apenas a sexta parte das cerca de 150 casas hoje existentes nos três ranchos sousenses. Ou seja, multiplicando-se os números acima por seis, entre 1994 e 2000 cerca de 132 crianças dos três ranchos sousenses teriam abandonado a Escola Celso Mariz (ou outra escola), cerca de 36 delas logo após o primeiro ano e outros 72 após o quarto ano.

Aparentemente estes números contradizem os dados do Censo 1998 (98 crianças de 7 a 14 anos, 77 estudando e 21 não), mas não é bem assim, porque alguns anos separam 1993 de 1998, e de 2000.

Sabemos que quase uma centena de crianças ciganas sousenses, com idades das mais diversas, pela primeira vez na vida começou a estudar em 1993, ou seja, concluiriam a alfabetização e os primeiros quatro anos no final de 1997. Após o que abandonaram a escola, a não ser que já o fizeram antes. Ou seja, destes cerca de 100 alunos, digamos "da turma de 1993", em 1998 e 2000 quase nenhum mais estava estudando. Os dados do Censo 1998 da Pastoral, infelizmente incompletos porque não informam quantos alunos em cada série, se referem à situação escolar no ano posterior, 1998, quando já havia, pelo menos parcialmente, uma nova geração de estudantes.

As conclusões do Censo 2000 podem ser somente: (1) os ciganos afirmam valorizar a escolarização dos seus filhos, mas na realidade muitos dos seus filhos não passam do primeiro ano, e pelo menos o dobro deles termina os estudos no final do quarto ano, ou até antes; (2) apenas poucos ciganos conseguem concluir o primeiro grau, e (3) no momento (ano 2000) ninguém está estudando numa universidade.

Tudo indica que muitas crianças em idade escolar não frequentam mais, e outras tantas nem sequer chegaram a frequentar uma escola. Resta saber por quais motivos.

Alguns pais ciganos alegam a exigência de documentos (de certidão de nascimento) de seus filhos, e que não possuem; outros alegam a exigência de farda escolar, e que não podem comprar; mais outros alegam o alto custo do material escolar. Também o Censo 1998 perguntou sobre esta questão, embora em apenas um dos ranchos, e as respostas foram: doença, medo de ir a escola, falta de certidão de nascimento.

Desculpas ciganas não faltam. Falta apenas ouvir a interpretação da diretora e dos docentes da Escola Celso Mariz, e das outras escolas, algo que infelizmente não foi possível fazer nas três últimas visitas. A escolaridade e o abandono escolar dos ciganos de Sousa merecem uma investigação mais detalhada.

### **A dança “daraglobal”.**

Não somente a escola ensina, mas também a televisão. O que em Sousa ainda sobrevive da tradicional cultura cigana, só uma pesquisa de campo mais prolongada pode descobrir. Em 1993 minha tarefa não era estudar a cultura cigana - ou o que sobrou dela - mas as violações aos direitos e interesses ciganos. Mas em 1993 os ciganos sousenses não dançavam, pelo menos não “danças ciganas”. E nem tinham motivo para dançar. Se então eu perguntasse o que era um “tzardás”, ou uma “dança flamenca”, ninguém saberia o que responder.

Em 2000 tive oportunidade de ver umas nove belas moçinhas ciganas dançando, imaginem só, ao som de uma fita dos “Gipsy Kings”, ciganos francêses Manousch (Sinti), mas não Calon. Na terceira visita este grupo de dança resolveu fazer uma homenagem a mim e minha esposa, e durante mais de uma hora (com direito a “bis”) assistimos estas moças dançando ao som dos Gipsy Kings, tocando inclusive uma conhecida música de Luiz Gonzaga. Um belo e comovente espetáculo! Embora, ao mesmo tempo, também triste!

Um jovem cigano se apresentou como sendo o “coreógrafo”, e quando perguntei como e aonde ele tinha aprendido esta coreografia, a resposta foi simples e curta: “Vi numa novela da TV-Globo; a Dara dançava assim”. Ou seja, pelo menos em Sousa nasceu uma nova dança cigana, a dança “daraglobal”, meninas Calon dançando em estilo dos ciganos Rom da Europa Oriental, ao som dos Gipsy Kings, ciganos Manouch (Sinti) da Europa Ocidental.

Não sei como e com quem a atriz não-cigana “Dara” aprendeu a dançar “a la gitana”, mas certamente muitas ciganas rom e calon brasileiras aprenderam repentinamente a dançar “a la Dara global”. Um interessante tema para futuras dissertações e teses de antropólogos e musicólogos sobre “A Globalização das Danças Ciganas no Brasil”.

## **6. Os ranchos.**

### **1993**

Em Sousa os acampamentos ciganos são conhecidos como “ranchos”. Como já vimos, existem três ranchos distintos, os ranchos A e B, localizados vizinhos às Escolas Celso Mariz e Agrotécnica Federal, e o rancho C, a cerca de um quilômetro de distância, vizinho ao Parque de Exposição de Animais. Embora construídos na periferia, a distância até o centro da cidade é de cerca de três quilômetros apenas.

Nos três ranchos, quase todas as casas, mesmo as de taipa, têm energia elétrica, mas nenhum dos ranchos tem saneamento básico; nenhuma latada ou casa de taipa possui sanitário, nem dentro, nem separado da habitação; não há recolhimento de lixo; as condições de higiene são as piores possíveis.

O rancho A tem 16 casas (quase todas de taipa e algumas “latadas”, mas nenhuma de alvenaria) e é chefiado por JVA, 43 anos, que se fixou no local em 1982. Cinco casas foram

construídas em dois pequenos terrenos comprados pelos ciganos em 1992. No meio da rua, existe uma única torneira d'água que abastece todos os moradores.

A cerca de 50 metros de distância fica o rancho B, chefiado por VVN, 71 anos, que fixou residência definitiva no local em 1986/87. VVN, embora nascido em Sousa de família não-cigana, casou com a filha de um chefe cigano e há muito tempo é mais cigano do que muitos ciganos natos. O seu rancho conta com 21 casas, três das quais de alvenaria, inclusive a sua própria casa, comprada de um não-cigano. Neste rancho existem duas torneiras para o abastecimento de água; no terraço da casa de VVN existe um telefone público.

O rancho C, a quase um quilômetro de distância, construído no início da década de 80 (1982?), é o maior e tem 35 casas, sendo quatro de alvenaria, três "latadas" e as outras casas de taipa. Possui uma única torneira de água, mas todas as casas deste rancho já tiveram água encanada. Como quase nunca chegava água, os moradores deixaram de pagar suas contas e por causa disto o ex-prefeito, declaradamente anticigano, mandou arrancar todas as encanações, deixando apenas uma única torneira. Mas também esta, pelo menos em 1993, quase não fornecia água, aparentemente devido a um problema técnico. Diante disto, as pessoas iam buscar água no rancho B. Também no rancho C, uma das casas de alvenaria possui telefone público. Alguns lotes de terrenos foram comprados, mas a quase totalidade das casas foi construída em área "doada" (sem documento escrito) pelo ex-deputado Gilberto Sarmiento, amigo dos ciganos.

Em Sousa, este rancho é conhecido como o "rancho de PM", 63 anos, que seria o chefe do mesmo. Na realidade, não é bem assim. Apenas uns dez casais (famílias nucleares) pertencem a sua "família", ou "turma", e as outras vinte e cinco às turmas de VVN e JVA. Embora PM seja casado com uma irmã (não-cigana) de VVN, atualmente as relações entre ambos os chefes estão estremecidas.

A história é um pouco complexa e exigirá alguns esclarecimentos complementares que, aparentemente, nada têm a haver com este assunto, mas que na realidade são fundamentais para entendermos melhor a situação local. E para entender, inclusive, porque tantos ciganos estão em Sousa, e não em outro município qualquer da Paraíba ou de Estados vizinhos.

Até o início da década de 60 os ciganos ainda tinham uma vida nômade. Aconteceu então que no município de Sousa, em 1962, foi eleito um prefeito jovem, chamado Antônio Mariz. Não sabemos o que este jovem realizou na época, mas logo conquistou a confiança e a amizade dos ciganos da região, "*porque ele nos tratava como gente*". O jovem prefeito depois se tornou senador, e sempre continuou tratando os ciganos "como gente", como faz até hoje. Bem diferente, portanto, de um certo ex-prefeito de baixo astral que, logo depois de eleito inclusive com os votos ciganos, disse que ia mandar cavar uma vala para enterrar todos os ciganos de Sousa.

Pelo menos desde então, muitos ciganos nômades se tornaram seminômades, ou seja, durante semanas ou meses perambulavam pela região, negociando animais ou armas, mas sempre voltavam a Sousa para permanências mais ou menos prolongadas, em ranchos temporários, com barracas de lona. E desde então (ou seja, há 30 anos!) sempre votaram em Antônio Mariz, ou nos candidatos por ele indicados. Para os ciganos, Sousa é, antes de tudo, um domicílio eleitoral, a cidade do ex-prefeito e atual senador Antônio Mariz (que possui uma residência na mesma) e que, quando de passagem, sempre dá algum apoio aos ciganos ou, no mínimo, os trata "como gente".

Por coincidência, quando da pesquisa de campo, de janeiro a abril de 1993, o senador Antônio Mariz foi submetido a duas delicadas cirurgias, em São Paulo. Todo dia os ciganos perguntaram sobre o estado de saúde do senador, os rádios do acampamento ficaram ligados só para ouvir notícias a respeito, imagens do padre Cicero e frei Damião foram colocadas na

frente de um calendário ano 1993 com o retrato do senador, todos rezaram, promessas foram feitas. Houve quem ameaçasse rasgar não somente seu próprio título eleitor, mas também os títulos eleitores de todo mundo, caso acontecesse o pior, porque então tudo estaria perdido para os ciganos, e nunca mais ninguém iria votar seja em quem for.

O que Antônio Mariz, em sua longa vida pública, fez a favor dos ciganos não está muito claro. Ao que tudo indica, não fez nem mais nem menos do que aquilo que qualquer político do interior faz para seus eleitores, só que incluindo entre eles também os ciganos: "*Antônio Mariz é o único homem que fala a nosso favor, que nos quer bem*", "*nós não deixa ele para ninguém*", e várias vezes ouvi a já citada observação de que ele trata os ciganos como gente. Mas para nosso tema - os ranchos - importante é a frase: "*Enquanto Mariz viver, a gente não sai daqui*" e, segundo outro, "*Se Mariz morrer, a gente vai-se embora daqui*". Para os ciganos terem tanta veneração por Antônio Mariz, obviamente o senador deve tratá-los de maneira diferente e melhor do que os outros políticos da região.

O conflito entre PM e VVN, acima citado, já é relativamente antigo, embora ainda não saiba exatamente os motivos disto. Mas não resta dúvida que PM cometeu um pecado mortal ao candidatar-se, em 1992, a vereador e apoiar um candidato a prefeito da "oposição", isto é, contrário ao candidato apoiado por Antônio Mariz. Basta dizer que PM obteve apenas 9 votos, o que significa que nem o seu "povo" votou nele. Foi depois disto que PM cercou a sua casa, transformando-a numa pequena fortaleza que ao mesmo tempo se tornou uma quase-prisão, da qual dificilmente sai.

Derrotado não apenas politicamente, mas também moralmente, PM acredita que está ameaçado de morte e que não resta outra solução a não ser sua saída de Sousa. Daí ele solicitar a minha intervenção junto às autoridades competentes para resolver este problema. Ao ser perguntado sobre quantas pessoas o acompanhariam, se sáisse, a resposta foi cerca de dez casais com em torno de cem pessoas. Estes números foram depois confirmados por ciganos de outro rancho.

A criação de um acampamento (rancho) único para os atuais ciganos de Sousa encontraria logo um grave obstáculo neste conflito de PM com VVN (e por extensão com JVA). As relações entre VVN e JVA, hoje, são boas, melhor dito, normais, ou seja ainda sem problemas.

A construção, em Sousa, de uma espécie de "conjunto habitacional cigano" precisaria de uma área bem maior do que para a população não cigana, porque teria que deixar espaços bastante grandes entre as casas a serem construídas para os membros de cada um dos três ranchos. E os construtores teriam que saber exatamente quantas casas a construir para cada "família" ou "turma". Tenho notícias de que pessoas bem intencionadas estão planejando a construção de "casas para os ciganos", não se sabe ainda aonde, nem como, nem quando, e se estas casas serão doadas ou financiadas. Não consta que estes "planejadores" das casas ciganas tenham realizado pesquisas a respeito dos problemas, conflitos e valores culturais ciganos, nem sobre o tipo de casa desejada e mais apropriada para os ciganos.

Se este "conjunto habitacional cigano" algum dia sair da prancheta (o que duvido muito), certamente serão construídas casinhas minúsculas, com salinhas de alguns poucos metros quadrados, um banheirinho com vaso sanitário e um espaçozinho muito bonito para a cozinha, com lugar apropriado para colocar um fogão a gás, mas não para a geladeira. Naturalmente colocarão uma casinha bem junto à outra, sem espaço para futuras ampliações. Certamente nenhum dos planejadores e arquitetos levará em consideração que as casas ciganas precisam de pelo menos um amplo espaço (a sala) para hospedar eventuais parentes de passagem pelo local, às vezes por um período bastante prolongado; ninguém pensará no fato de os ciganos de Sousa não terem dinheiro para comprar fogões ou bujões de gás, e cozinhareem apenas com lenha, o que quase sempre é feito fora de casa, num terraço ou numa latada anexa à casa,

especialmente construída para este fim. As casas ciganas precisarão de um amplo terraço coberto, mas com certeza nenhum dos arquitetos ficou tempo suficiente nos ranchos para estudar a posição do sol, e principalmente a direção dos ventos, para evitar, na medida do possível, que estes encham as panelas de comida também com a poeira das áreas vizinhas, ricas em excrementos animais e humanos, e que o calor logo reduz a pó. Com certeza uma das causas de muitas doenças encontradas entre os ciganos de Sousa.

Um problema adicional será: aonde construir este "acampamento" (ou conjunto habitacional) cigano? Nos locais onde estão hoje? O problema é que os ciganos são proprietários apenas de alguns poucos lotes ou casas. A quase totalidade das casas está em terrenos invadidos. No caso do rancho C, a família do ex-deputado Gilberto Sarmiento teria que concordar em doar, definitivamente, a área aos ciganos, o que, provavelmente, não causaria maiores problemas. Mas no caso dos ranchos A e B seria necessário a prefeitura desapropriar ou comprar os terrenos nos quais os ciganos habitam hoje. Como a prefeitura local certamente não dispõe de recursos para desapropriar terrenos, é provável que se planeja construir este "conjunto habitacional cigano" na área mais periférica possível da cidade, de preferência tão distante que os ciganos desistam de incomodar ainda os habitantes da cidade de Sousa. Em março de 1993 corria o boato que o prefeito planejava construir estas casas perto do distrito de Aparecida, a cerca de 18 quilômetros da cidade de Sousa! Em breve, o distrito de Aparecida deve ser emancipado e tornar-se município. E assim, o município e a cidade de Sousa teriam se livrado definitivamente dos ciganos! Desnecessário dizer que os ciganos, em hipótese alguma, aceitarão esta mudança.

Não me cabe aqui discutir o (ainda desconhecido) sistema de financiamento destas casas, porque obviamente elas não serão doadas. Mas os ciganos que falaram do assunto acreditam, piamente, que receberão estas casas de graça, sem nada dar em retribuição. Não tive, ainda, coragem de contar-lhes que a realidade será bem diferente. Pelo menos por enquanto, acho melhor que continuem sonhando com casas próprias, de alvenaria, com cozinha e banheiro com água encanada.

Se, por milagre, algum dia este sonho se tornar realidade, é provável que em Sousa se repita o que aconteceu, por exemplo, na Holanda. Em certa época, em muitas cidades estavam sendo construídos "prédios populares" (uma variante vertical das casinhas BNH brasileiras), destinados à população holandesa de baixa renda, em boa parte desempregada. Só que antes de os cidadãos holandeses ocuparem estes apartamentos, o país foi invadido por "refugiados" da Indonésia e de Suriname (Guiana Holandesa). "Refugiados", neste contexto, significa antigos colaboradores do regime colonial holandês, que tiveram que fugir do seu país para não serem linchados ou no mínimo presos como traidores pelos novos governos independentes. Foi a estes imigrantes que o governo holandês destinou os prédios que originalmente foram construídos para os holandeses "pobres". E enquanto muitos holandeses natos continuaram desempregados, para os imigrantes coloniais não faltaram empregos, criados especialmente pelo governo holandês. Na Bélgica e na França não foi diferente. O resultado foi um ódio quase generalizado da população nativa contra imigrantes estrangeiros.

Os meios de comunicação apresentam estes fatos como "discriminação racial", quando na realidade pouco ou nada têm a haver com "raça". O que existe é um preconceito e uma discriminação de origem econômica: os "intrusos", os imigrantes, estão ocupando os lugares (nas habitações, nas profissões, nos hospitais, etc.) que deveriam ser ocupados pelos "nativos" (holandeses, franceses, belgas, etc.). E não somente isto, são os cidadãos natos que pagam impostos altos, a seu ver apenas para sustentar este "bando de vagabundos, parasitas, preguiçosos e corruptos".

O mesmo fenômeno poderá ocorrer em Sousa, ou em outros municípios, no dia em que aos ciganos forem concedidos benefícios negados aos cidadãos pobres não-ciganos. E neste caso,



apesar de aparentemente "beneficiados", os ciganos seriam os maiores prejudicados, porque a convivência (hoje ainda) pacífica com a população local tornar-se-á difícil, senão impossível. Não sou contra a construção de casas populares e a concessão de outros benefícios para os ciganos; sou contra a construção de casas populares e a concessão de benefícios *apenas para os ciganos*, porque então conflitos com a população local serão inevitáveis.

É aconselhável e necessário que as autoridades façam urgentemente algo para melhorar as condições de vida nos ranchos ciganos, que haja moradias melhores, que haja água, instalações sanitárias, recolhimento de lixo, que as crianças ciganas tenham direito à escola, que os adultos tenham oportunidades de emprego, que todos os ciganos tenham direito à assistência médica, que os ciganos velhos tenham direito à aposentadoria. Mas que então dezenas de milhares de não-ciganos pobres e miseráveis do município também tenham os mesmos direitos. Preconceitos e discriminações não nascem do nada, elas têm origens. Uma de suas origens, sem dúvida alguma, são as diferenças culturais. Muitas vezes, também, a origem é de ordem econômica, como estamos vendo na Europa. Raras vezes a "raça", ou seja, as diferenças biológicas, tem alguma influência, embora costume ser usada como pretexto para discriminar pessoas.

Existem ainda alguns outros problemas. Na Europa, um acampamento cigano ou não-cigano, sempre é um lugar para uma estadia mais ou menos prolongada, temporária, mas que de qualquer modo não é para uma estadia definitiva, permanente (embora na prática muitas vezes se torne permanente). Por isso não é permitido que as pessoas nele construam casas ou coloquem trailers que não tenham mais condições de mobilidade. Pelo menos na França existem leis que regulamentam expressamente este assunto, "para evitar que os acampamentos se transformem em favelas".

É possível que inicialmente o local ocupado pelos ciganos em Sousa tenha sido um acampamento temporário (e por isso tolerado pelos proprietários dos terrenos), mas hoje estamos diante de uma favela cigana, com algumas casas próprias e outras construídas em terrenos particulares invadidos. Por mais precárias que estas habitações talvez sejam, elas não são móveis, não podem ser rapidamente desmontadas e remontadas em outro lugar qualquer. Trailers ou barracas de lona indicam mobilidade; casas de taipa ou de alvenaria significam imobilidade, significam a idéia de uma permanência prolongada, talvez até permanente. Um acampamento com casas deixa de ser um acampamento.

Na Europa, os acampamentos ciganos são estabelecidos em terrenos municipais (que podem ser terrenos particulares desapropriados para tal fim). Ou seja: (a) os ciganos não têm a propriedade do terreno e (b) o terreno se destina ao acampamento temporário de quaisquer ciganos, e não para determinados ciganos ou para algumas famílias ciganas específicas.

Em Sousa, a transformação dos três ranchos num "acampamento oficial", ou o estabelecimento de um novo "acampamento oficial" num terreno municipal em outro lugar, na realidade significaria a criação de um "acampamento-para-os-ciganos-de-Sousa", e não um "acampamento cigano", ou seja, um lugar onde ciganos de qualquer origem possam estabelecer-se, por um período determinado ou indefinido, mas sempre temporário, desfrutando de uma infra-estrutura mínima, principalmente de água e instalações sanitárias, energia elétrica, assistência educacional e médica. Na realidade, as atuais famílias ciganas residentes em Sousa transformar-se-iam em proprietárias do terreno a ser doado pela prefeitura local, e das instalações a serem construídas. E estas famílias teriam o poder de vetar o acesso e a permanência de outros ciganos no local. Tratando-se de um espaço limitado, com recursos limitados, conflitos com outras famílias ciganas seriam inevitáveis.

Um dos chefes deixou claro que no seu rancho em hipótese alguma toleraria a presença de ciganos estranhos, isto é, de ciganos não pertencentes à sua "família". Como ciganos inimigos

foram citados, por exemplo, os de Caicó, no Rio Grande do Norte, mas principalmente os de Campina Grande e de Umbuzeiro, na Paraíba, inimigos mortais. Um encontro com membros destes dois grupos significa certeza de briga, e quase sempre morte, como já ocorreu várias vezes em anos anteriores.

A criação de um "acampamento oficial" talvez resolvesse parcialmente alguns problemas dos atuais ciganos de Sousa, mas de modo algum resolveria os problemas da população cigana em geral, da Paraíba e de outros ciganos de passagem pela Paraíba. Antes pelo contrário. Seria uma constante fonte de conflitos. Além disto existiria o perigo de outros grupos ciganos da Paraíba ou até de Estados vizinhos serem expulsos para o "acampamento" em Sousa.

Na Europa, os acampamentos não foram criados por um ou outro município isolado, mas sempre existiu uma política governamental que obrigava determinados municípios (em alguns casos: todos os municípios) a criarem acampamentos ciganos. Um acampamento cigano isolado em Sousa, em nada irá melhorar a situação dos ciganos em geral, se outros municípios não forem incentivados, ou até obrigados, a seguirem o exemplo.

Ao que tudo indica, as entidades governamentais atualmente envolvidas na questão dos ciganos de Sousa (e apenas os de Sousa, e não os ciganos da Paraíba!) têm baseado sua ação no princípio talvez errôneo que os *ciganos de Sousa, sedentarizados* por força das circunstâncias, para sempre queiram ser *sedentários em Sousa*. A bem da verdade, alguns líderes ciganos talvez tenham dado esta impressão, ao solicitarem "ajuda" para suas famílias "radicadas" em Sousa. Parece que, em momento algum, estas entidades tenham questionado junto aos ciganos a vontade de eles desejarem voltar a ser ciganos nômades, ou ciganos "móveis", e quais as condições necessárias para isto.

Já vimos acima que os ciganos estão em Sousa graças e por causa de Antônio Mariz e que sem a presença do senador são capazes de abandonar a cidade e migrar para outro lugar qualquer. A força do senador é tão grande que, segundo um dos informantes, inclusive começariam a "andar", a "peregrinar" de novo, se Antônio Mariz assim ordenasse: "Se o Doutor Antônio Mariz quiser, nós anda de novo; (mas) o tempo gastou, o que tinha que dar para nós acabou". Já vimos também que uma cidade pequena como Sousa não tem capacidade para dar emprego para tantos ciganos.

Os ranchos de Sousa, de fato, dão a impressão de ciganos sedentários, de ciganos que definitivamente abandonaram a vida nômade. Mas, segundo informam, muitos dos seus parentes ainda andam pelo Nordeste. Por isso, é possível que a solução para os ciganos, de Sousa e da Paraíba em geral, não seja apenas criar acampamentos oficiais, ou melhorar as condições dos ranchos nos quais vivem, mas também, e principalmente, criar condições para que possam retomar a sua antiga, e por muitos ainda desejada vida nômade ou semi-nômade.

Todas as pessoas às quais perguntei sobre "a vida de antigamente", tinham saudades da vida nômade, *"isto era vida, de pé no chão..."*, *"ninguém tinha doença, a mulher paria e pouco depois já andava de novo; não precisava de médico"*; *"hoje não dá mais, existe muita doença, para qualquer coisa cigano precisa de médico, de hospital"*; *"antes sofria mais, mas era mais feliz do que hoje; antigamente tinha saúde completa, hoje não tem mais"*. Antes, todo mundo *"tinha fatura, tinha comida, feijão, queijo, arroz"*, que recebiam trabalhando nas fazendas ou era doado pelo pessoal que tinha pena deles. Hoje não tem mais isso, porque *"também os donos das fazendas e dos sítios passam necessidades"*. Pior ainda: *"Hoje somos moradores; não somos mais ciganos"*.

Já disse acima que também entre os ciganos de Sousa a família continua sendo de importância fundamental. Por isso, eventuais acampamentos ciganos a serem criados na Paraíba, sempre devem levar em consideração a complexa organização social cigana, devem possibilitar que as

famílias continuem unidas, o que é uma exigência básica para a sobrevivência física do indivíduo.

### **1998/2000**

Em 1993, os 450 ciganos sousenses viviam em 73 “habitações”, se assim possam ser chamadas as miseráveis e minúsculas casinhas de taipa então existentes que formavam a quase totalidade destas “habitações”. Embora quase todas tivessem energia elétrica, não possuíam água encanada.

Já então se falava da construção de casas para os ciganos. E de fato, os ciganos receberam casas novas, de alvenaria, com energia elétrica e agora também com água encanada. Muitos devem pensar que estas casas foram doadas e que agora são seus proprietários, mas ninguém possui qualquer documento. Ninguém soube explicar exatamente a situação jurídica, mas parece que as casas foram apenas cedidas em usufruto e não podem ser alugadas nem vendidas. Em 2000 um jovem cigano, querendo se mudar do rancho A para o rancho C, estava vendendo sua casa, que não lhe custou um centavo sequer, por apenas 300 reais. Algo como uns dois salários mínimos, na época.

Segundo o Censo 1998 existiam naquele ano 116 casas de alvenaria - a quase totalidade das quais novas, construídas pelo Governo do Estado - , embora existissem também ainda 15 casas de taipa. Em 1993 existiam somente duas torneiras no rancho de Vicente e apenas uma no rancho de Eládio. Hoje todas as novas casas têm água encanada, mas apenas uma parte destas casas parece ter fossa. As outras despejam tudo diretamente na rua, ao ar livre. Em 2000 foi até difícil andar em alguns lugares dos ranchos “de baixo”, por causa de poços ou valas de água estagnada de cores e cheiros varáveis, e que nem o calor e o ar seco são capazes de evaporar. Os ranchos ciganos também continuam sem coleta de lixo. Não tive tempo para verificar tudo com calma, mas as condições sanitárias pareciam piores do que em 1993.

As casinhas, construídas bem pertinhas uma da outra, têm cerca de 25 metros quadrados. Uma metade consiste de um quarto e um banheiro e a outra metade é um vão livre, que deve servir de sala e cozinha. Não existem terraços nem na frente nem atrás das casas. Apesar de pequenas, indubitavelmente as novas casas são melhores do que as existentes em 1993. Portanto, ocorreu de fato o que em 1993 chamei de “milagre”, mas não tive tempo para, junto à população sousense, analisar os efeitos colaterais que já então mencionei.

### **7. A imagem dos ciganos em Sousa.**

Em 1993 realizei uma breve pesquisa com 52 estudantes numa grande e conhecida escola pública de Segundo Grau, no centro da cidade de Sousa, mas na qual não estudam ciganos, apesar de proximidade geográfica com os ranchos ciganos. A pesquisa foi feita de surpresa, portanto os professores não tiveram oportunidade de “preparar” os alunos. Perguntamos (a) o que cada estudante, individualmente, pensava sobre os ciganos e (b) qual a opinião dos seus pais e da sociedade sousense sobre os ciganos. Lembramos que em Sousa, os ciganos, em número de 445, constituem cerca de 1% da população da cidade (isto é: da população urbana, sem incluir a população rural). Principalmente devido ao contato quase diário destes estudantes e de seus pais com ciganos, esperávamos estereótipos ainda piores do que os dos estudantes de João Pessoa. Na realidade, foi o contrário: muitos estudantes expressaram, por escrito, opiniões favoráveis sobre os ciganos, tentaram justificar as “coisas erradas” que os ciganos fazem, atribuíam a culpa total ou parcial à própria sociedade de Sousa, e muitos solicitaram soluções, pediram que fosse feito algo para melhorar a vida dos ciganos. Suas respostas serão amplamente transcritas a seguir.

a) Opiniões pessoais totalmente desfavoráveis só foram encontradas em 4 dos 52 alunos:

- “Eu acho os ciganos uma raça muito acomodada. Porque eles não ligam em trabalhar, fazer coisas como uma pessoa normal faz, eles só querem depender das pessoas pra tudo, só vivem nas portas pedindo comida, esmola, eles pedem tudo que você imaginar. Pra mim eles não prestam, são um bando de vagabundos”;
- “Eu detesto os ciganos. Acho eles feios, sujos e nojentos, eles são oportunistas. Pedem muito, e se a gente não dá algo a eles, ficam insistindo e enchem o saco. Acho que eles não devem se misturar com a gente, porque temos costumes diferentes”;
- “Na realidade eu não penso, tenho certeza, são pessoas que não gostam de trabalhar.... Suas atividades de sobrevivência (são) tocar, rezar, pedir e viver sempre tapeando os otários”;
- “Eu acho que os ciganos, pelo menos os de Sousa, são pessoas que não gostam de trabalhar, pelo contrário, praticam o roubo e muitas vezes assassinatos. A maioria não merece confiança; além disso não são higiênicos”.

b) Somente 4 dos 52 alunos mencionaram alguma experiência pessoal marcante que influenciou sua opinião favorável ou desfavorável:

- “Eu acho os ciganos pessoas muito educadas, porque um dia eu estava em um jogo de futebol distante daqui de Sousa, e quando terminou ... perguntei se dava para mim dar carona, eles falaram sim dá para levar, na viagem eu pensava que ia ser tratado muito mau, mas eu estava enganado fui tratado com muita educação, daí fiquei gostando de alguns deles. Também vale salientar que muitos deles são ruins, não prestam pra nada, são vagabundos, ladrões, bandidos, por isso temos que ter cuidado com eles”;
- “Ciganos para mim são pessoas humildes, com culturas totalmente diferentes das nossas. Às vezes não gosto muito deles, pelo fato deles serem tão sujos, mas compreendo o por quê de tantas diferenças. Durante quatro anos eu convivi uma certa parte da minha vida com os ciganos, pois estudei na Escola Celso Mariz. Lá perto havia um rancho de ciganos, cheguei até a estudar com alguns deles. Confesso que gostei muito”.
- “Eu penso que os ciganos nos trazem destruição para nossa cidade.... Uma vez eu e meu colega nós fomos pegar passarinho, eles tomaram duas gaiolas e passaram uma carreira em nós. Se nós não tivéssemos corrido eles tinham matado”;
- “Sabe o que eu acho, que se tivesse 100% de ciganos, 99% são ruins, 1% são bons, porque não acredito que muitos deles são bons, às vezes tem deles que fazem muito mau às pessoas que acreditam neles. Um dia .... eu estava em casa, chegaram as minhas amigas me chamando pra mim visitar o rancho, e eu fui; sabe o que eles fizeram: correram atrás de nós, diziam eles que iriam nos pegar, então nós saímos correndo, corremos muito, até que fim apareceu um velhinho e nos ajudou a sair de lá. Então desde desse dia não acredito que eles prestam, fiquei sem acreditar neles, embora não desejo o mau a eles, isso não, aliás desejo tudo de bom, só gostaria que eles fossem embora daqui de Sousa”;

c) Boa parte da turma é formada por alunos adeptos do “pessoalmente não tenho nada contra, mas.....”. A seguir alguns exemplos:

- “Não tenho nada contra eles, mas não gosto do jeito que eles agem aqui. Não sei se é em todo lugar assim, eles têm muitos hábitos que acho que não é certo, pois costumam ler mão, mas isto é uma grande farça só para não trabalhar e viver às custas da sociedade. E outro detalhe: dizem que eles roubam e roubam mesmo como já disse. Só em eles quererem o que é dos outros sem esforço, só mentindo, já é um grande roubo. E além de tudo eles são muito sujos, deveriam tomar pelo menos banho, não é, para poder chegar perto da gente apesar que ninguém quer chegar perto deles”;
- “Eu não tenho nada contra os ciganos, pois eles são seres humanos como nós brancos. Um ponto negativo dos ciganos é que eles gostam de pegar no que é alheio. Eu acho que eles deveriam

procurar um meio de trabalho honesto, para que não façam coisas desonestas, como roubar, matar etc.”;

- “Eu não tenho nenhuma discriminação, nem faço críticas, mas penso também que cerca de 60% dos ciganos sousenses são ladrões, criminosos que matam por dinheiro, ou seja, um tipo de gente diferente..... Isso não significa que eu os trato mal, ou tenha preconceito contra eles; eu os aceito como eles são. Muitos ciganos não são o que são hoje por falta de oportunidade”;

- “Eu penso que são pessoas humildes com bom coração.... Agora eu acho que os ciganos em vez de ficarem pedindo nas portas das casas deveriam se esforçar mais para procurar um emprego, não ficarem sofrendo humilhação. Mas tem muitos ciganos que não querem trabalhar, querem só mendigar a um e a outro, e sofrendo humilhações constantes. Agora só porque querem, porque se tivessem coragem para trabalhar não estariam morando em ranchos e nem mendigando”;

- “Bem, para falar a verdade não tenho nada contra, pois são pessoas que vivem de sua própria maneira, e eu respeito a maneira de cada um ser ou de viver. Mas os ciganos pedem muito, muitas vezes mentem para ganhar dinheiro..... Mas como eu disse, respeito e até gosto deles. Conheço alguns que moram aqui”.

d) Quase todos os alunos, de uma forma ou de outra, confirmaram que a sociedade sousense, em graus variados, não gosta dos ciganos. No entanto, mais importante do que isto, é constatar que muitos alunos condenaram a atitude dos adultos, ou justificaram o comportamento dos ciganos:

- “Para a sociedade eles não passam de ladrões, vagabundos, um bando de desocupados que vivem incomodando de casa em casa”;

- “A sociedade ridiculariza os ciganos, por sua cultura, sua maneira de vestir, falar e até arranjar algo para si. Muitos têm fama de ladrão, trambiqueiros e exploradores..... Só por ser cigano a sociedade discrimina e os trata mal”;

- “[Os sousenses acham] que são pessoas vagabundas, não querem trabalhar, só pensam em pedir, não sabe o que é responsabilidade, mas eles têm que saber trabalhar para sobreviver, mas eles não gostam e não têm coragem”.

- “A sociedade, não só sousense, mas de um modo bastante generalizado, os discriminam por demais. Atitude que não aprovo. Não temos o direito de discriminar pessoas, principalmente quando não as conhecem mais profundamente”;

- “Eu penso que na sociedade de Sousa há um alto índice de discriminação para com os ciganos, eles acham que os ciganos são pessoas que não têm coragem de trabalhar, mas não sabem essas pessoas que não há um humano que dê um emprego ao cigano”;

- “Os ciganos são pessoas diferentes dos demais, com costumes diferentes, crenças, etc., mas apesar de todas essas diferenças são pessoas humanas iguais a nós, que deveriam também ser respeitadas, e não discriminadas. A sociedade de Sousa discrimina muito os ciganos, pois muitos deles roubam e enganam muita gente, em busca de sobreviver, eles não são vistos com bons olhos principalmente pelos comerciantes e pelas donas de casa”;

- “Os ciganos de Sousa são um povo de cultura própria que sofrem muito com a rejeição do povo de Sousa e de toda a sociedade paraibana. Os ciganos muitas vezes são obrigados a roubar e pedir esmolas para não morrerem de fome. Os ciganos tem uma vida miserável porque dificilmente ele conseguirá algum emprego na cidade devido ao racismo grande que o povo de Sousa tem contra os ciganos. O povo de Sousa teme e rejeita os ciganos devido os costumes e a origem dos ciganos”;

- “Na minha opinião .... não podemos manter distância dessas pessoas pois eles são humanos igual a nós. Aqui em minha cidade algumas pessoas tem preconceitos sobre eles, nunca tentaram chegar a conversar com eles, nunca se interessaram saber também a opinião deles a respeito de nós. Eu

não tenho preconceitos contra eles. Muitos desses ciganos passam necessidade, pois os cidadãos da minha cidade não querem admitir eles como trabalhadores”;

- “O que eu acho é que a discriminação é grande na sociedade; acham que os ciganos são ladrões e não são de confiança. Alguns ciganos de Sousa não têm casa para morar, muitos pedem esmolas para sobreviver e outros não têm empregos”;

- “Algumas pessoas comentam que são pessoas preguiçosas que não têm coragem de trabalhar, por isso vivem pedindo esmolas aos outros. Eu não acho isso certo, se eles pedem é porque necessitam”;

- “Eu acho que são tipos de pessoas que não estão sendo valorizadas, não estamos sabendo explorar sua cultura, tradições. É preciso conhecermos para depois saber o que pensar deles, e (é) isso que está faltando, conhecê-los. Muitas pessoas não gostam deles, dizem que a maioria dos roubos são praticados por eles, (mas) nem gostam e nem procuram conhecê-los. Porque não é obrigado porque alguns que matam, roubam, é obrigado todos fazerem”;

- “Há muitos sousenses que gostam muito de discriminar os ciganos. Há muitos ciganos bons, nem todos são ruins, porque muitas pessoas acham que cigano é coisa ruim. Eu não discrimino nenhum cigano, por a maneira deles serem, porque cada um é do jeito que quer. Eu admiro muito os ciganos por seus costumes”;

- “O que ouço e normalmente vejo, é que ..... quando ocorrem fatos que incluem furtos e extravio de objetos, presto atenção em que a nossa população inclui imediatamente nossos ciganos. Penso diferente; não acho que isto seja absolutamente verdadeiro..... Eles são muito desprezados aqui; ouvi pessoa falar que eles não deveriam ter casas, porque pessoas que não trabalham não devem ter direito a isso. Acho que não trabalham porque não têm chance, não oferecem nenhum tipo de emprego já por um tipo de racismo”.

e) Alguns alunos ainda vão além e chegam a exigir respeito pelos direitos ciganos e a solicitar que alguma coisa seja feita para melhorar o seu destino:

- “Eu acho que os ciganos são pessoas discriminadas pela alta sociedade, mas eu penso o seguinte que eles são pessoas comuns pobres e muito sofredoras, gente que necessita de um apoio para sobreviver melhor nesse mundo atual. Acho que ciganos não são pessoas vagabundas e sim que necessitam de um apoio ou ajuda para enfrentarem o nosso mundo moderno”;

- “É exatamente por isso que eu acho que eles fazem o que fazem, ou seja, roubam, chamam palavrão, e até mesmo demonstram não gostarem da gente, porque são discriminados, não são aceitos pela sociedade como seres humanos. Por que ninguém dá emprego pra eles? Por que você não vê um cigano trabalhando como outra pessoa qualquer? Por que eles não estudam como nós, será que eles não precisam, será que nasceram sabendo? O que eles precisam é de atenção, é de carinho, é de serem aceitos na sociedade. Pra mim eles são ótimas pessoas. O que eu acho que as pessoas de Sousa acham é que eles não são seres humanos como nós... O que há aqui em Sousa, na Paraíba e no Brasil, é muita discriminação e preconceito. O que eu acho mesmo é que eles merecem ter o direito de viver exatamente como qualquer outra pessoa”.

- “Os [ciganos] de Sousa roubam muito, são mentirosos, mas acredito que a sociedade sousense é culpada, pois não lhes dá oportunidade. Exemplos: emprego, estudo, etc. Se a população fosse conscientizada, informada sobre o que realmente é cigano veriam que todos somos iguais como pessoa, mas diferentes em cultura”.

- “Eu acho os ciganos pessoas normais em Sousa, pois eles são bem educados com as pessoas, rezam nas pessoas, ajudam as pessoas e ao mesmo tempo precisam de nossa ajuda.... O que falta para os ciganos é o ensino que o Governo não manda, ele simplesmente proíbe os ciganos de ir a escolas e participarem de creches. Com isso os ciganos revoltam-se contra o Governo e vem roubar, furtar, matar, alejar, pedir, etc. Eu acho que tem que haver uma iniciativa de ensino para os ciganos e creches para as crianças dos ciganos. Toda culpa é do Governo .... [que] tem que mandar obras e

benefícios para Sousa, ou os ciganos apelam para a violência. Os sousenses pensam diferente, só querem que os ciganos não existam em Sousa”.

As respostas acima citadas mostram que em cidades onde a população tem amplo contato com ciganos sedentários, os jovens podem ter opiniões bastante favoráveis aos ciganos, e até contrárias às dos seus pais, pelo que não é possível generalizar sobre a imagem cigana em Sousa: os sousenses pensam as mais variadas coisas sobre os ciganos, que variam do amor ao ódio, da aceitação à rejeição, da exigência de uma ação positiva em favor dos ciganos à total indiferença. Em geral, no entanto, predomina uma imagem extremamente negativa, como aparentemente em todo o Brasil. Como na Europa, dentre destas imagens negativas predominam principalmente as do cigano ladrão, trambiqueiro e preguiçoso.

## **8. Os Calon de Sousa e o Governo.**

Desde 1994 os ciganos de Sousa costumam ser visitados por membros da Pastoral dos Nômades, cientistas sociais, repórteres e jornalistas. E por políticos locais, principalmente em ano eleitoral. A partir de 2006 foram várias vezes visitados também por membros da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPPIR). Isto porque a SEPPPIR tinha recebido da Elétrabras R\$ 237 mil para um projeto entre os Calon de Sousa. O projeto receberia depois o nome Centro Calon de Desenvolvimento Integral (CCDI), pela SEPPPIR anunciado como “Primeiro Centro de Referência Cigana do Brasil”. Para garantir o bom funcionamento do CCDI foi elaborado um Estatuto com 44 artigos, que parece ser uma cópia adaptada do estatuto de algum sindicato metalúrgico.

Os burocratas de Brasília visitaram os ciganos pela primeira vez em 23 e 24 de março de 2006. No dia 23 os de Sousa, no dia 24 os de Marizópolis. Transcrevo partes do “Projeto de visita a Sousa e Marizópolis”, da SEPPPIR:

“Quinta: 23/03. “Manhã: reunião com o prefeito de Sousa/PB e secretários com o objetivo de estabelecer diálogo com os gestores públicos e apresentação da proposta de trabalho da equipe de visitantes”. “Tarde: visita às comunidades ciganas (reunião com as lideranças e aplicação do instrumento por amostragem (questionário)”.

Na sexta 24/03: repetição do programa acima, só que desta vez em Marizópolis. Não constam, na internet, relatórios destas visitas.

Ou seja, antes os “visitadores” contatam as autoridades locais e à tarde, se ainda sobrar algum tempinho após o almoço, farão uma visitinha nos ranchos ciganos, para conhecer a realidade local. O certo seria antes conhecer as reivindicações dos ciganos, e ouvir sua opinião sobre as propostas elaboradas em Brasília ou em Sousa, e somente depois disto visitar as autoridades locais. Mas alguém da SEPPPIR informou que este era “o ritual”.

Na internet, com data de 06.08.2009, dia da inauguração do CCDI, pode ser encontrada a seguinte notícia da SEPPPIR:

### **CIDADE PARAIBANA É CONTEMPLADA COM PRIMEIRO ESPAÇO DE REFERÊNCIA CIGANA.**

A cidade paraibana de Sousa ganhou um espaço de referência da cultura cigana: o Centro Calon de Desenvolvimento Integral (CCDI). [O ministro da Igualdade Racial, Edson Santos] lembrou que o governo federal investiu mais de 200 mil no novo espaço, por meio da Eletrobrás. (...) A inauguração do CCDI foi possível por causa da articulação institucional da SEPPPIR com a prefeitura de Sousa, o apoio financeiro da Eletrobrás e execução do Gabinete de Assessoria Jurídica Cidadã em Políticas Públicas Associativas de Patos e Região (Gajuc-PB). As obras começaram em abril de 2008”.

“No Centro está instalada uma biblioteca .... São 200 títulos sobre o tema direitos e cidadania, doados pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos (SEDH), da Presidência da República .

“O novo espaço também possui um centro de inclusão digital, com 15 computadores instalados graças a uma parceria entre a SEPPPIR e Banco do Brasil. Outra parceria, dessa vez entre a prefeitura de Sousa e o Instituto Federal de Educação Tecnológica da Paraíba (IFET), vai permitir a instalação de um curso sobre avicultura”.

“Nesta sexta-feira (7 de agosto), o CCDI ganha oficialmente um kit do programa ‘Cine mais cultura’ do Ministério da Cultura, composto de filmes, projetores digitais, câmeras, computador, tela, entre outros itens.

“O Centro ..... será um espaço de referência para o fortalecimento do processo de organização da população cigana e de valorização de sua cultura. No local estão previstas diversas ações, como a inserção da comunidade no mercado de trabalho, a partir da capacitação” ([www.seppir.gov.br](http://www.seppir.gov.br)).

Na mesma notícia, o autor desconhecido informa ainda que “os atuais habitantes da comunidade cigana de Sousa são descendentes diretos de grupos que migraram de Portugal para o Brasil no período da Segunda Guerra Mundial, fugindo do Holocausto”. Haja paciência! Em vários ensaios sobre os Calon de Sousa, publicados desde 1993, inclusive pela Internet, sempre afirmo que os ciganos sousenses são descendentes de ciganos deportados por Portugal desde o século 17. O autor da notícia acima aparentemente nunca leu nenhum deles.

O prédio do CCDI, na realidade parece ter custado bem mais do que os R\$ 200 mil acima citados, como informam outras fontes. Segundo o Brasil Econômico de 24.05.2011, o prédio do CCDI teria custado R\$ 360 mil. ([www.brasileconomico.com.br](http://www.brasileconomico.com.br)). Obras governamentais superfaturadas não são nenhuma novidade no Brasil.

Mas tudo bem: desde 2009 existe, fisicamente, o prédio do CCDI, salvo engano com 4 salas, uns banheiros, uma cozinha, terraços, quintal e outras coisas mais. Ao todo uns 300 metros quadrados de área construída. Mais um “elefante branco” em Sousa <sup>5</sup>, porque até o final de 2011, mais de dois anos após a sua inauguração, o prédio continua quase totalmente vazio. Computadores e o tal “kit” cinema, ninguém nunca viu. Sobre uma rádio comunitária, se alguma vez se falou antes, hoje nem se fala mais. Até a energia elétrica foi cortada, por falta de pagamento. Até quando, ninguém sabe.

Enquanto isto, o sousense João Bosco Alves de Araujo, autodenominado “ciganófilo”, mas também amigo do atual prefeito de Sousa, Fábio Tyrone Braga de Oliveira, num email de 25.05.2011, intitulado “A cidade de Sousa, no interior da Paraíba, dá o exemplo”, enviado para algumas dezenas de pessoas, informa:

“O Prefeito de Sousa .... anunciou na manhã desta quarta feira (22/05), no .... CCDI, obras de melhorias estruturais e urbanísticas que irão beneficiar toda a comunidade cigana da etnia Calon que aqui vive há cerca de 30 anos. (....)

Na ocasião também foram apresentados os programas sociais do Governo Municipal que beneficiarão toda população cigana e demais segmentos carentes dessa cidade:

- “Novo lar” - Programa que irá realizar o sonho da reforma da casa, com a contribuição de R\$ 600 reais para a compra de materiais de construção;
- “Fazer Negócio” – Programa que financiará em até R\$ 1.200 reais para o fortalecimento do pequeno negócio ou para iniciar um novo negócio; e
- “Pão na Mesa” – Projeto que distribuirá gratuitamente 10 mil pães diariamente, beneficiando cerca de 2 mil famílias carentes (estando aí incluídas todas as famílias ciganas).

---

<sup>5</sup>. Um outro é um belo ginásio de esportes, perto dos ranchos ciganos, que já em 1993 estava totalmente abandonado e não servia mais para nada. A não ser, a julgar pelas inúmeras provas físicas existentes, como sanitário público.



O Prefeito Tyrone, atendendo aos anseios dos ciganos anunciou as seguintes e importantes obras nas Comunidades Ciganas:

- Construção de todo o sistema de saneamento básico em todos os ranchos, bem como a realização de obras de calçamento em toda a comunidade.
- A implantação do Novo Sistema de Distribuição de Água, que melhorará a qualidade da água nas residências das Comunidades Ciganas;
- Construção de uma praça com academia ao ar livre, com espaço para prática esportiva e realização de festas e eventos culturais na Comunidade Cigana, pelo projeto do Governo Municipal, "Circuito das Praças". A praça já tem nome: Santa Sara Kali – Uma homenagem a Padroeira dos povos ciganos .....

Quanto a esta "praça com academia ao ar livre", será que a comunidade cigana foi consultada? Será que os homens ciganos não teriam preferido melhorias no seu campo de futebol, colocação de gramado, construção de arquibancada, e compra de uniformes, chuteiras e bolas novas?

E quanto ao nome? Quem deu a sugestão de batizar a praça com o nome de uma lendária figura que nem santa é? Ou que é tão santa quanto o também lendário caçador de dragões São Jorge, cuja santidade há alguns anos foi cassada pela Igreja Católica. Segundo Hilker: "Como Sara não é reconhecida como Santa pela Igreja Católica, sua imagem não pode habitar solo consagrado. Por isso (em Saintes Maries de la Mer, na França) fica em um anexo, em uma cripta"<sup>6</sup>. Talvez os ciganos tivessem preferido que a praça se chamasse "Praça Padre Cícero", "Praça Frei Damião de Bozzano", ou "Praça Governador Antônio Mariz".

Em momento algum este email se refere a atividades no prédio do CCDI, organizadas pela prefeitura, como cursos profissionalizantes, atividades culturais, entre outras. Parece que para o atual prefeito, o CCDI não existe. Também a SEPPIR parece nem se lembrar mais deste "Primeiro Espaço de Referência Cigana".

Consta ainda que: "Através de um convênio com o Governo Federal será implantado um TELECENTRO, no .... CCDI, cuja administração será feita pelos jovens ciganos que possuem formação em cursos técnicos e superior em informática". Desconfio que não existem muitos jovens ciganos com formação em cursos técnicos e superior em informática.

Hoje, o prédio do CCDI, inaugurado em 2009, é apenas mais um elefante branco em Sousa, vazio, sem utilidade e utilização alguma. Em breve restarão apenas algumas ruínas. Ou terá o mesmo destino inglório do já citado Ginásio de Esportes.

Robson de Araujo Siqueira, em sua dissertação de mestrado de 2012, apresenta a quase inacreditável notícia de que:

"Há pouco tempo, a SEPPIR (Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial) propôs a transferência (da gestão do CCDI – Centro Calon de Desenvolvimento Integral) para os Kalderash da FSSK (Fundação Santa Sara Kali), presidida pela advogada Mirian Stanescon. A fundação administraria a aplicação dos fundos do CCDI que se encontravam presos até que os próprios Calon pudessem geri-los. Contrários a essa alternativa, os gestores do Centro a recusaram. Não queremos sugerir que a FSSK viesse a fazer uma má gestão, mas essa alternativa negaria aos Calon a autonomia sobre seu próprio destino ao entregá-la a um mediador que, mesmo compartilhando a denominação de ciganos, diferem dos Calon em muitos aspectos – estão sediados a uma distância

---

<sup>6</sup>. Hilker, R.A. Rossi, *Ciganos: peregrinos do tempo: ritual, cultura e tradição*, Campinas: Unicamp, 2008, p. 129 (a autora dedica a Sara Kali todo o capítulo 2, pp. 110-170).

em torno de 2.300 km de Sousa e, até o momento, não estabelecem nenhum grau de relacionamento com essa comunidade".<sup>7</sup>

Os fundos do CCDI continuam presos em Brasília. Há quem desconfia que, para se vingar dos ciganos de Sousa, seja a Mirian Stanescon e não a SEPPIR a responsável pelo bloqueio deste dinheiro. Seja como for, os gestores do CCDI nunca receberam um centavo sequer. A putativa rainha cigana Mirian Stanescon visitou uma única vez rapidamente os Calon de Sousa, junto com uma comitiva da SEPPIR. Consta que saiu apressadamente e nunca mais voltou.

## 9. Considerações finais.

Em todo mundo os antropólogos têm constatado que programas assistenciais para populações com valores culturais diferentes (índios, camponeses, grupos minoritários e outros), elaborados quase sempre com a maior boa vontade e com as melhores intenções humanitárias possíveis, têm resultado em fracassos ou até têm prejudicado as pessoas que se pretendia "ajudar". Existe uma ampla bibliografia antropológica a respeito.

Como os antropólogos quase sempre são chamados depois, para esclarecer as causas destes fracassos, e não antes para estudar como evitá-los, e como quase sempre os culpados do fracasso são os administradores e os executores dos projetos e não as pessoas a serem beneficiadas, em todo mundo as relações entre antropólogos e administradores não costumam ser das melhores. Também o ciganólogo europeu Liégeois se refere a este velho, e ao que tudo indica insuperável problema ao afirmar que "antes de decidir, é necessário estar de posse dos fatos". Mas o que se observa é que os administradores costumam agir e elaborar projetos mirabolantes, sem conhecer a realidade em que vivem as pessoas a serem beneficiadas, e sem conhecer seus desejos, suas aspirações, seus interesses, suas habilidades, seus valores culturais e suas personalidades. O resultado final será, inevitavelmente, o fracasso do projeto, cuja culpa será então atribuída não à inépcia dos burocratas das instituições que elaboraram e tenderam executar o projeto, mas à preguiça, ao desinteresse, à apatia ou a outras características negativas atribuídas aos ciganos, vítimas involuntários do projeto.<sup>8</sup>

Muitos problemas poderiam ser evitados se, antes da ação, fossem contratados pesquisadores sociais profissionais, devidamente habilitados, e não pesquisadores amadores, para um estudo mais aprofundado da realidade que pretendem melhorar ou modificar. Bacharéis em História ou arquitetos, por exemplo, por mais bem intencionados e por mais competentes que sejam nas suas áreas, não são pesquisadores sociais habilitados, porque nunca aprenderam métodos e técnicas de pesquisa de campo. Mas, diz Liégeois:

"Pesquisadores acadêmicos são prejudicados pelo fato de que eles têm que convencer os outros da utilidade de suas pesquisas. (...) Pesquisadores dão a impressão de estarem mendigando fundos, ao passo que deveriam ser considerados como provedores de serviços. Parece justo e correto pagar o arquiteto que constrói um prédio e um centro social num acampamento (cigano), mas ninguém pensa em contratar um antropólogo ou um sociólogo para, junto com os usuários, refletir sobre a localização e a organização do acampamento. Mais tarde é considerado essencial ter uma equipe de assistentes sociais para ver se consigam ajustar os usuários a um acampamento inadequado."<sup>9</sup>

O CCDI de Sousa é um bom exemplo. A Praça de Esportes será outro. Nenhum antropólogo foi contratado ou consultado. Como autocritica não costuma ser uma característica de autoridades

---

<sup>7</sup>. Siqueira, R. de Araujo, *Os Calon do município de Sousa-PB: dinâmicas ciganas e transformações culturais*, Recife: Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, 2012

<sup>8</sup>. Liégeois, J.P., *Gypsies and travellers*, Strasbourg: Council of Europe, 1987, p. 184

<sup>9</sup>. Liégeois, J.P., *Gypsies and travellers*, Strasbourg: Council of Europe, 1987, p. 185

burocráticas, os culpados pelo fracasso do programa sempre serão considerados os próprios ciganos! Falando de problemas semelhantes na Holanda, Willems e Lucassen acrescentam: "A experiência mostra que os ciganos, que antes são vistos como vítimas, no final terminam sendo acusados de ter causado a miséria em que se encontram".<sup>10</sup> Espero que o mesmo não aconteça também com os paraibanos ciganos.

Recife, 2012.

---

<sup>10</sup>. Willems, W. & Lucassen, L., Ongewenste vreemdelingen: buitenlandse zigeuners en de nederlandse overheid, Den Haag, 1990, p. 16